v. 1, n. 7, 2026

POETIZAR

REVISTA DE CONTOS, CRÔNICAS E POESIAS



Rio Cricaré, São Mateus, ES.

Caro leitor,

É com entusiasmo que compartilhamos com você uma nova edição da *Revista Poetizar*. A cada página, reunimos diferentes vozes, olhares e sensibilidades que encontram na literatura um caminho para transformar vivências, pensamentos e sentimentos em palavras. Desejamos que os textos aqui reunidos ultrapassem as páginas e encontrem espaço também em quem os lê.

"A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade" — Antonio Candido

SOBRE A REVISTA

A Revista Poetizar é uma publicação eletrônica organizada por estudantes de graduação da Universidade Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus como projeto de extensão que abre espaço para a publicação de contos, crônicas e poesias escritas pelo público. Crie sua arte e venha Poetizar com a gente!

EQUIPE EDITORIAL

Prof. Dr. Ailton Pereira Morila

Maria Eduarda Machado de Almeida

NOSSO CONTATO

E-mail: revistapoetizar@gmail.com

Instagram: @revistapoetizar

***Imagem da capa:** Rio Cricaré, São Mateus, ES.

POETIZAR

SUMÁRIO

CONTOS

- E velinhas | Aline Vieira Malanovicz **6**
- Um convite | Iuri da Silva Gomes **9**
- O mundo que odiava médicos | Leticia Süpptitz **19**
- Sorriso | Luís Henrique Kulik Santos **31**
- A loucura de amar | Alan Oliveira Souza **42**
- Eu sou... | Aroldo Pereira da Rosa **56**
- O número da besta | Davi Amorim de Andrade **60**
- Confessionário | Erick Labanca Garcia **66**
- O estrangeiro de mim mesmo | Ramsés Albertoni Barbosa **68**
- A serpente e o milho | Isabella Tavares Sozza Moraes **79**
- Um presente de natal | Naiana Moraes Gonçalves **88**

CRÔNICAS

- Metamorfose | Thatiane Karoliny da Melo **92**
- Algum rítimo | Thauan José Pastrello **93**
- A educação que molda o ser que moldaram o mundo | João Victor Araújo **95**
- Um Pilé à vida | Vitoria Arantes Ferreira **98**
- O padecimento da Rosa | Kaike Marcondes Beckert **101**
- O espelho que importa | Keyth Martins **103**
- Uma troca justa | Alicia Candido Ferreira **110**
- Ao último homem que amei | Alicia Candido Ferreira **115**
- Acho que sou um autista | Otacílio Pinto de Carvalho **117**
- Pesadelo | Bruna Machado da Rocha **120**
- Espiar-se | Pedro Sérgio Vieira Martins **124**

POESIAS

- Isso não é sobre animais | Bruna Eduarda Fernandes Pereira **129**
- Éfeso | Arhon Inacio dos Santos **133**
- Atravessamentos de minha memória | Kellen Oliveira **136**
- Ósmio | Amanda R. P. Marambaia, Leopoldo V. Eustáquio **138**
- Emergências | Rudimar Sodré Alves **139**
- Alguma ausência | Marcelo Calderari Miguel **141**
- Desordem | Valdeir Oliveira Prestes **143**
- Chovia forte | Rafaela Neves Alves da Silva Medeiros **145**
- Navego | Suilany Santos **147**
- Três Poéticas, Um Autista: Entre Esquecimento, Amor e Miséria | Marcelo Calderari Miguel **149**
- Oleannas | Helloísa Karoline **153**

CONTOS



E Velinhas | Aline Vieira Malanovicz

Mês passado, eu assinei a adesão ao programa de demissão voluntária da repartição. Mas hoje é o último dia para desistir. E hoje tô fazendo trinta e oito anos de serviço. Caramba! Releio as letras miúdas do formulário da desistência. Aderi junto com os colegas, mas deixei a decisão mesmo para depois. Fui postergando a cada dia, mas agora já não dá mais pra fugir. Uma parte do pessoal que "já está na minha idade" continua tão empolgada quanto estava no início dessa perspectiva de aposentadoria. Mas uns quantos não quiseram aderir, preferem continuar trabalhando. Difícil decidir em que time eu estou.

A dona Madalena do café traz a térmica. Bah, esse cafezinho é muito este lugar. Ah, o aroma... Nossa! Já me vem a lembrança de quando comecei aqui. Era o fim dos anos setenta. Prestei o concurso... Terminei a seleção naquele pavoroso octogésimo oitavo lugar. Perdi todas as esperanças, eram só trinta vagas. Nunca iriam me chamar, eu tinha mais era que continuar estudando para outros concursos. Foi mesmo surpreendente quando chegou o telegrama avisando da convocação. Isso foi, sei lá, uns quatro anos depois, já na finaleira dos chamamentos, quase passando a validade do edital. Bah, que sorte.

E que sorte um serviço como este. Nunca atrasou um pagamento, nunca faltou o cafezinho. E até não dá pra reclamar do salário, não tenho do que me queixar. Fiz um bom pé-de-meia nesses anos todos. E tem internet de graça o dia todo, trabalho de escritório é bom, hehehe. O drama é a bagunça administrativa, a burocracia, a ineficiência. Mas, que

droga, serviço público em todo lugar é assim, a gente acostuma. Me surpreendem as iniciativas de umas chefias aí, de reformular tudo, implantar sistemas novos. Já tentaram isso há anos, e nunca deu em nada. Só o que prestou foi a informatização mesmo, mas já faz mais de vinte anos. Depois disso, foi só blablablá de consultorias e nada de bom para o trabalho. Se, pelo menos, conseguissem fazer isso funcionar, ia ser mais tranquilo deixar o trabalho para os mais novos. Tem uns até que são muito bons, dedicados, a Mari, o Severo, até o Ernesto. Esses assumem o serviço, buscam, vão atrás, dão jeito de resolver o que aparece. Mas tem outros, o Lotário, o Armando, a Magda, que... bah!, são muito ruins. Não me passam confiança nenhuma, são capazes de demolir o que ainda não tá sucateado.

A turma que quer se aposentar diz que há anos já vem planejando. A Ana só quer saber de cuidar do neto. - Bom pra ela. Se eu tivesse netos... Ou se os filhos morassem perto... - O Ulisses diz que vai passar o resto da vida viajando. - Nem tenho ambição de conhecer lugar nenhum, odeio avião. - Também tem a Daisy que quer se dedicar à jardinagem. - Não sei, nunca tentei, podia ver como é. - A Benta promete voltar a participar na igreja dela. - Detesto essas coisas de igreja. - E o Hilário, esse diz que quer gastar com bobagens tudo que restar de dinheiro e saúde. - Tem isso, né? Se for pra eu sair da repartição, era bom que eu fosse caminhando, e não de maca para um hospital, tendo um piripaque e morrer trabalhando. Bah, a tragédia mesmo é perder o plano de saúde. Quando a gente envelhece, que vai dando oficina, e mais precisa, esses planos safados ficam cada vez mais caros.

As letrinhas do formulário parecem se embaralhar na minha frente. Vou ou fico? - Eu poderia me dedicar a um hobby, era só descobrir um pra mim. - Se eu ficar mais uns meses, até outubro, pego um aumentinho referente ao dissídio. - Eu poderia cuidar de mim, melhorar a forma física, fazer algum esporte de terceira idade, teria que aprender algum. - Se eu ficar até janeiro, pego mais um adicional por desempenho, se a avaliação for boa. - Eu poderia arrumar todas as minhas gavetas, as tralhas da garagem, revisar o guarda-roupas, ler todos os livros da estante. - Se eu ficar até maio, pego mais uma licença-prêmio. - Poderia ver um monte de filmes, até fazer as tais maratonas de séries de tevê que a gurizada fala, deve ter coisa boa. - Se eu ficar até agosto do ano que vem, consigo mais um triênio. - Eu poderia...

Mas a senhora do café está me cutucando, acho que me distraí.

- O pessoal tá lhe chamando na sala de reuniões.

- Ah, ta, já vou, agradeço, desculpe.

Na sala de reuniões, vejo todo o pessoal do departamento. A maioria são jovens, mas quase um terço já tem cabelo grisalho que nem eu, e esses já aderiram. Uns e outros sempre foram tão unidos, até surpreende os outros setores que por qualquer coisa fazem festinhas, confraternizações, por aqui. E pelo jeito, hoje de novo. Ali na mesa apareceu um bolinho. Tem o meu nome e os "38" escritos em glacê. E velinhas! Bah, se tem um motivo que me faria continuar por aqui é essa turma. Vou ou fico?

Um convite | Iuri da Silva Gomes

Lá estava “aquele corpo”: na Estação da Luz, em São Paulo. Como ele estava? Como fora parar lá? Que corpo é este? Por quê a ele me refiro como “aquele corpo”? – maldita influência de um tempo mesquinho que preencheu um mero pronome demonstrativo de arrogância. “Aquele ali”, “aquela ali”, geralmente são proferidos com desconfiança, regados de um dedo apontado, de um pré-conceito formulado e de uma inexatidão do saber sobre “aquilo”. Não prometo responder as questões levantadas em linhas outras, mas tentarei, já que tentar tem sido a máxima de minha vida e a “daquele corpo” que há dias observo.

Ora, lá onde estava “aquele corpo”, estava o meu também. Um dia, e com os olhos perdidos na multidão que ora entrava nos vagões e ora deles saía, eu perdi “aquele corpo” de vista – foi um desespero (imaginem vocês, perder de vista o que em um certo momento da vida – e sabe-se lá por quais razões – é deveras importante, e que ocupa um lugar em seus pensamentos, ações, divagações e vida, o lugar que ocupa o coração no corpo humano – imaginem!). Mas não era para tanto, pois quando a aflição de ter perdido “aquele corpo” de vista me fez ter o impulso de completar um giro de 180° graus à sua procura, ele passou por mim delicadamente, silenciosamente.

Há dias e dias eu o observo, e vos digo por quê: não entendo mais o que é o ser humano. Não entendo quem segue com tanta pequenez ao

redor. Não entendo quem alimenta a pequenez e por quê. Não entendo quem por ela é atravessado, e a despeito de sua permanência, insiste em existir. Assim, quero tentar entender o que "aquele corpo", o de um transeunte que me chamou a atenção e que se encontra em estado de putrefação existencial, quer da vida, já que a vida nada te oferece. Os vazios que tenho não se comparam ao vazio daquele ser, que passa horas com as mãos estendidas para o nada à espera de algo. Mas ainda assim existe. Será mesmo que ele quer existir? Assim? Dessa maneira? Com as mãos expostas à frieza que as envolve?

O projeto indelicado de observar aquela vida começou a alguns meses, e não sei ao certo quanto tempo mais irá durar. Aliás, por falar e pensar no tempo, noto que os ponteiros do relógio acima de nossas cabeças não estão ajustados, e isso me incomoda. O desajuste da máquina parece atravessar a vida de todos que passam por ali, alguns percebem e sentem esse desajuste, outros nem sequer olham para a marcação do tempo, e outros, pior ainda, olham o desajuste, observam, não o entendem, se incomodam, mas não interferem em seu ritmo. Chego à conclusão de que esses "desatentos" estão desajustados. Notar o descompasso e ainda assim continuar é terrível, é dramático, é trágico, é a dança da morte. E atrapalha tudo. Lembro-me apenas de Hamlet e de sua sentença que ecoa há séculos: "Há algo de podre no reino da Dinamarca".

Os últimos anos de minha vida têm sido uma paisagem amorfa, com exceção da presença "daquele corpo" na trajetória dos meus pensamentos. Decidi observá-lo depois que caí em mim – em minha

humanidade (ou desumanidade?) e frieza exacerbada. Há muitos anos eu passo pela Estação da Luz para ir até o trabalho, o que faço a pé, pois o trajeto não é distante da minha residência. Nesse trabalho, eu tive uma progressão de carreira de se admirar e ocupei um lugar de destaque. Posso dizer que fui um dos "chefes" do lugar. Como diziam os funcionários de lá, em seus burburinhos: "Lá vem o chefe". Era uma frase que me deixava orgulhoso, e que alimentava em mim sentimentos cinzentos, nebulosos e arrogantes. Com o tempo, o meu comportamento ficou assimétrico com os valores daquele lugar, e eu fui dispensado. O lugar ficou novo demais e eu velho demais para ele. Para mim, ter saído de lá foi um dos episódios mais tristes da minha vida. Aos poucos estou superando, digo que há dez anos estou superando. Para aliviar essa dor, faço o trajeto para a empresa diariamente. Quero com isso iludir o meu corpo, pô-lo a andar. Vou até o edifício da empresa, fico entre 10 e 20 minutos na porta, e em seguida faço o trajeto de volta para casa. O meu corpo entende que foi ao trabalho, mas não trabalhou.

Quando nos acomodamos em uma certa função, nos limitamos a descobrir coisas novas e a explorar novos caminhos. Devido a isso, o que eu fazia naquela empresa era tudo o que eu sabia e sei fazer. Nada mais me interessa. Para quê irei aprender uma nova profissão a essa altura da vida? Melhor não. Estou velho demais. Daí decidi que iria viver com o dinheiro que guardei – em casa – durante os anos de ofício. Quando mais novo, assustava-me os processos burocráticos e humilhantes que meus pais e avós enfrentavam para ter uma aposentadoria digna neste país que vez ou outra me maltrata.

Acontece que pelos meus cálculos, o montante guardado durará apenas mais um semestre. Depois disso, o que será de mim? Quem irá cuidar de mim? Não fiz filhos por achar que o mundo era mesquinho e duro demais, não me casei por achar que as mulheres não iriam me amar por isso. Não fiz amigos, pois, a minha alma não se sentiu tocada pelas almas outras com as quais circulei. Não tive bichos, pois, eu não queria me apegar a eles (danados seres que conhecem os sentimentos, e os valorizam). Não tive plantas por saber que não teria tempo de cuidá-las. Hoje, ostentando tempo, posso cultivar algumas, mas ainda assim não as quero. Elas estão em falta nas ruas, então acho por bem deixa-las por lá. A rua precisa delas. Estou velho e só, velho e só.

Para dar um sentido às minhas idas ao trabalho, resolvi encontrar um ofício no meio do caminho. Pensei em jogar cartas com os velhos que estavam na praça, em dar migalhas de pão mofado aos pombos, em fumar um charuto e olhar a paisagem, em olhar as moças da vida e seus movimentos sedutores, o entra e sai dos carros e a libido exacerbada (ou foçada), em vagar como quem não tem rumo. Achei tudo isso um tanto insustentável e fugaz. Decidi que faria algo mais decente, algo que pudesse mudar o meu interior desértico de alguma forma, já que o relógio da minha vida está com pressa, e quer mudanças – pelo menos é o que sinto.

Foi quando, num dia, sentado em um dos bancos da rua, ao voltar dos meus 20 minutos na porta do trabalho, “aquele corpo” passou por mim em seus andrajos. Senti-me desafiado a segui-lo, a vê-lo como ele

lida com a vida, com a falta de dinheiro, com a fome, com o descaso, com o esquecimento, com a cegueira da sociedade. Certo de que eu enfrentaria dentro de seis meses essas situações, resolvi tratar “aquele corpo” como um experimento do meu eu futuro. Passei a observá-lo diuturnamente.

Acontece que essa coisa de observar uma vida alheia em situação de miséria, de fome e dor é algo difícil demais, pois a gente acaba se projetando naquela vida, e o pior dos pensamentos (que tanto evitamos, pois nos assusta) pode surgir: “E se fosse eu naquele lugar”? Pensei nisso, mas não me assustei, pois eu teria seis meses para aprender a como lidar com o infortúnio de morar na rua, a comer quando der e a tomar banho sabe-se lá quando.

Mas penso que o maior dos infortúnios seja este: o de não ser visto, o das pessoas passarem por você e não te notarem. Será que as pessoas não olham para esses corpos pois não querem desbravar o medo que emerge da questão “E se fosse eu naquele lugar?”. Preciso confessar que há alguns anos pensar sobre isso era uma afronta para mim. Agora, que estou velho e experimentando o abandono, é diferente. Eu preciso pensar sobre isso. E me entristece que só agora isso tenha acontecido: culpa do conforto e vida mais ou menos que tive.

Apoiado em uma mureta, com os olhos voltados para “aquele corpo”, tiro um charuto de meu paletó surrado, acendo-o, dou uma tragada profunda, e passo a contemplar a cena estarrecedora que eu

viveria muito em breve. Era uma tarde de segunda-feira, fria e a estação não estava tão cheia como de costume. O horário de alta movimentação acontece sempre no fim da tarde, quando já estou de partida do lugar. Gosto de ver aquele corpo sem ser atrapalhado pelos vultos da multidão silenciosa, apressada, fugaz, doentia. Sem ter a visão interrompida, posso notar cada movimento de modo acurado, sem nem perder de vista o ritmo de sua respiração. Naquela tarde eu resolvi que iria me atentar para a respiração daquele corpo. E assim o fiz. O respirar era pausado, profundo, pesado, e seus longos intervalos me chamaram a atenção. Eram longos demais. Um ritmo calculado. Fiquei assustado, tão assustado que pensei em ir até ele e perguntar se estava tudo bem, e se precisava de alguma ajuda. Mas logo desisti da ideia, pois ainda tenho muito a observar antes do primeiro contato. Ainda é cedo, pensei. Ademais, que tolice a minha imaginar que aquele corpo pudesse querer ajuda para respirar, já que respirar é uma atividade involuntária. Ou seja, eu nada poderia fazer.

Finda a tarde, sigo o trajeto para casa. Saio da estação com a esperança de no dia seguinte encontrar aquele ser de respiração cansada e enigmática no mesmo lugar em que meus olhos o viram pela última vez. Ao chegar em casa e me deparar com o conforto que tinha, com a geladeira cheia e com a casa em ordem, vi o quão mesquinho eu havia sido nesses últimos tempos. Fiquei perplexo ao ver a capacidade que eu tinha de ser frio e macabro com o sofrimento alheio. Lembrei-me das mãos “daquele corpo” expostas ao ar frio, de suas roupas maltrapilhas, de seu olhar sem rumo e de sua respiração cansada e enojei-me de mim mesmo. Como pude fazer isso? Ao invés de observá-lo de longe, vendo-o

passar dificuldades, eu poderia oferecer a ele a minha comida, algumas roupas e uma amizade, e quem sabe até alguns de meus deliciosos charutos. Mas não... eu o fiz rato de meu laboratório existencial, e apenas observei com uma distância calculada as suas agruras por longos noventa dias.

Tendo colecionado essas reflexões, essa espécie de balanço analítico dos meus últimos três meses, e arrependido de algumas das minhas ações, decido que é hora de me aproximar daquele corpo e fazer dos meus últimos três meses de uma boa vida os melhores três meses de vida daquele corpo. É hora de conhece-lo, de adentrar sua história, e de fazê-lo personagem da minha vida-trajetória. Percebo o que os últimos três meses de um olhar atento para aquela existência fizeram comigo. Não posso dizer que sou uma outra pessoa, mas posso dizer que não sou mais o mesmo em valores e senso de humanidade. Antes de sair de casa, junto roupas limpas, pão e frutas frescas em uma sacola, que darei para ele como gesto do meu arrependimento e abertura para uma amizade.

Após arrumar os itens na bolsa e verificar se não estava faltando algo, me dirigi até o corredor do meu apartamento, que dá acesso à porta de entrada da casa, segurando aquele pacote que transformaria a vida de uma pessoa em instantes e decidi que era hora de ir. Giro a chave na maçaneta, abro a porta e não consigo sair. Não sei o que me segura, não sei o que me trava. Não estou fazendo nada de errado, pensei comigo. Fecho a porta e espero aquela sensação fria passar. Não sei explicar o que segurou o meu gesto humano naquele instante. Só sei que durou mais de

duas horas para passar. Nesse tempo, voltei para a sala, liguei a TV e acompanhei o noticiário na expectativa de me ver livre daquele sentimento que estava impedindo-me de encontrar uma vida e fazê-la melhor, ainda que por um breve momento.

No noticiário, a dor de milhões, a fome de milhões, o sofrimento de milhões, o roubo de milhões da conta pública. Como dói viver num país como esse. A dor é tanta que anestesiou a compaixão da sociedade, que matou a saudade de tempos melhores, que fez de mim um ser mesquinho, atravessado por um senso de urgência e egoísta em ter mais, mais para mim, e nada para o outro. O noticiário é um espetáculo das dores. É um show que anestesia a minha, a sua, a nossa dor. E ao ter as dores anestesiadas, logo passamos a ignorar as dores do outro. Naturalizamos o sofrimento. Damos aval para a miséria moral.

— Um homem de meia idade é encontrado morto na manhã de hoje na Estação da Luz, em São Paulo. Passageiros dizem que nunca viram o homem no local. A causa da morte é desconhecida.

Desliguei a TV, passei as mãos pelo rosto, aflito, olhei para a bolsa com as roupas, pão e frutas frescas e fiquei a pensar. Era tarde demais. Revisitei os meus planos, revisitei a mim mesmo e vi que precisava mudar as rotas dos meus últimos dias de uma boa vida. Eu precisava estendê-los. Eu não poderia acabar como “aquele corpo” acabou. Eu precisava mudar essa situação. Mas como? Decidi multiplicar o dinheiro guardado com a venda de alguns de meus utensílios pelo bairro e me pus a andar, a

vender, a ouvir e a contar histórias. Consegui fazer a minha renda se estender por um bom tempo.

Certo dia resolvi ir até à estação, depois de um bom tempo sem pisar lá, pois o lugar me despertara tristeza, mágoa e arrependimento. Quando chego, olho para o lugar de sempre e constato que “aquele corpo” estava lá. Como pode? Pensei. Fui até ele, correndo, perplexo, me ajoelhei diante dele e disse:

— “Você está vivo? Eu pensei que estivesse morto!” E o abracei repentinamente, demoradamente. Ele nada entendeu, e quando me afastei ele riu e disse:

—Eu sempre fico por aqui, senhor. Chego pela manhã e vou embora à noite. Sou um ator e estou me preparando para um papel importante no teatro, e que envolve a relação da sociedade com corpos outros e em situações de precariedade humana, existencial, eu diria. A sua reação foi ótima! Fico surpreso. Vou anotá-la para compartilhar com a companhia. O que fez você pensar que eu estivesse morto? Posso saber? Qual é o seu nome?

Em estado de choque, sem nem ao menos saber explicar-lhe o porquê da minha reação, eu disse:

— Qual é o nome da peça?

— “Ser ou não ser”: O dilema de Hamlet em SP, ele disse.

— Merda para vocês.

— Obrigado! Merda a todos nós, meu caro, ele disse, sorrindo e acenando para mim.

O mundo que odiava médicos | Leticia Süpptitz

Ao ligar o jornal essa manhã, a notícia que dava na TV me lembrou de um caso interessante que se passou comigo fazem uns 8 ou 9 anos. Naquele tempo, eu estava no último ano da faculdade de filosofia, e acabava de encerrar uma das piores semanas de provas de toda a minha vida.

Costumo brincar que o diploma que se recebe ao final da graduação de filosofia é, na realidade, uma passagem só de ida para o hospício. Aquele ano foi particularmente enlouquecedor, para dizer no mínimo. Os quilos e mais quilos de livros que nossos professores nos passavam para ler – como se nossos dias tivessem 48 horas em vez de 24, e como se em nenhuma delas necessitássemos de sono ou mesmo de alimentação -, inflavam nossas cabeças até parecerem um balão rijo eminente a explodir ao toque da mais fina agulha. Esses mesmos professores com seus dedos pálidos e secos de tantos e tantos anos folheando as mesmas páginas e muitas outras, olhavam para nós com um olhar carrasco ao mínimo erro de concordância lógica praticada. À anfibologia cometida por algum estudante descuidado ao elaborar a formulação sintática de alguma resposta de prova, vinha a caneta vermelha quase como um convite para a expulsão. Achismos eram inaceitáveis. Toda e qualquer ideia proferida deveria, obrigatoriamente, vir carregada de fundamentação, histórico, validação, estudos e todo tipo de análise e então, sendo assim, sem ter outra saída além da expulsão, estudávamos copiosamente.

A semana de provas a qual acabara de terminar me ficou gravada na memória particularmente, e talvez por isso agora me surjam de maneira tão clara lembranças do que venho narrar. Havia passado muitas noites praticamente sem dormir, comendo também muito pouco. Levara mais ou menos 4 horas para dissertar, de forma manuscrita, a diferença entre os conceitos de "*Ser*" e "*seer*" propostos por Heidegger. As noções de "*ser-aí*", o propósito do "*vir-a-ser*", a eterna jornada do homem existente em um constate "*poder-ser*", aturdiam minha alma e ressoavam de maneira ensurdecedora dentro da minha cabeça desde os primeiros minutos do pós-prova, como uma verdadeira e completa ressaca. Decidi que precisava de um café, a final eram meados de junho e fazia muito frio, e eu estava muito tempo sem dormir.

É agora que entro de fato na minha curiosa história. O que se passou nos minutos seguintes ocorrem-me hoje mais numa espécie de sonho ou devaneio – talvez pela inanição de sono e pelo cérebro exausto de manipular ideias complexas, ou quem sabe pela conversa absolutamente surreal que viria a ter em seguida – provavelmente, pelos dois.

Entrei em um café que costumava frequentar quando sentia necessidade de uma mudança de ares nas minhas horas de estudo, onde as paredes gélidas da biblioteca e o cheiro forte de naftalina começavam a me fazer querer vomitar. A dona me conhecia bem, era uma senhora gentil e agradável, e que vendia em seu estabelecimento um expresso de grãos moídos na hora, uma variedade de cafeeiro de uma respeitabilidade inominável. Pedi um café e sentei em uma mesa de canto, nem muito longe nem muito perto do balcão. Olhava para a TV com um ar

distraído enquanto esperava que meus grãos fossem moídos e preparados, e foi então que eu vi entrar pela porta de vidro uma velha amiga de minha família conhecida por Dona Ivone, uma dessas velhas sessentonas, viúva de um juiz bem conhecido da cidade, mãe de quatro filhos homens bem formados também nas artes jurídicas assim como fora o pai, e ainda mais bem empregados em repartições públicas, com suas carreiras ilustres banhadas aos louros do sobrenome patriarca. Dona Ivone se orgulhava muitíssimo dos filhos, dos imóveis que haviam recebido de herança e aos quais administravam de maneira exemplar, das mulheres elegantes e jovens as quais estes desposaram e, principalmente, das viagens ao exterior que faziam muitas vezes durante todo o ano.

O café estava vazio visto que aquele era um horário de pouco movimento e sendo assim, Dona Ivone me viu imediatamente ao entrar e logo veio a ter comigo. Era uma senhora extremamente falante e comunicativa. Me cumprimentou com enorme efusividade e de prontidão começou o seu costumeiro monologo em romaria. Contou-me que era conhecida da dona do café e que vinha buscar os grãos moídos por recomendação de uma amiga. Findada a breve introdução que se fazia por convenção em dizer o motivo de estar em um lugar ou em outro, logo começou a falar dos filhos, dos bens, das viagens, das noras e, obviamente todos esses relatos continham quilos de exaltação dela aos seus ilustríssimos, na mesma proporção em que apresentavam palavras de vexa e desaprovação à absolutamente todas as outras pessoas do universo sendo, o principal algoz da sua interminável narrativa e ao qual sempre achava um espaço para ralhar em qualquer contexto possível,

nada mais nada menos, do que a categoria de médicos.

Minha mãe costumava me contar que, antigamente, a profissão chegara a ter um espaço de louvor perante a sociedade. Ganhavam muitíssimo os médicos no passado, dizia ela, a ponto de terem o suficiente para as mesmas viagens ao exterior que faziam os filhos da senhora com seus ofícios de adjuntos, ou até mais. Eram respeitados como grandes autoridades em tempos pretéritos, vistos como pessoas cultas e distintas. A ruína da classe médica veio cair sobre esses como uma mantilha negra. A sucessão de pandemias, a falha em encontrar curas, a necessidade que se houve em preencher as universidades com médicos e mais médicos, corroeram a nobre profissão de toda sua glória. Na época da qual relato esse passado dia, havia já mais de 50 anos que o mundo vivia em sombra de mutações intermináveis de vírus que pareciam surgir diariamente, com seus nomes complicados e seus índices de letalidade cada vez maiores, os quais já nos são agora tão familiares. Desde aquela época então e até hoje, os médicos já não ganhavam muito mais do que 2 ou 3 salários. Após uma medida de manejo de calamidade que fora promulgada pela ONU uns 20 anos atrás, e aprovada unanimemente por todas as nações frente à geométrica queda da natalidade perante a mortalidade (resultante na queda de habitantes terrestres em 40%, fato que todos devemos lembrar de ter visto estampado nos livros de história de nossas juventudes), todo e qualquer curso superior de medicina deveria ser obrigatoriamente gratuito. Muitos escolhiam a profissão por falta de condições de arcar com qualquer outra possibilidade de estudo. Outros, o faziam pela pura necessidade de irem em busca de mitigar o sofrimento da população

geral, ávidos por lutarem com unhas e dentes pela preservação da nossa tão decadente humanidade.

Seja qual for o motivo, estudantes de medicina e médicos eram trabalhadores incessantes. As faculdades por mais que gratuitas, seguiam normas de rigidez impostas pela OMS – a qual tomou, por meio de uma comitiva conjunta repartida pelos 167 países existentes até então, total jurisdição por toda educação relacionada à área da saúde em todo o mundo – e mantinham seus estudantes em um regime rigoroso com uma extensa carga horária de trabalhos desde os primeiros anos, uma grade complexa e exigente, além da obrigatoriedade de que todos os acadêmicos se debruçassem em realizar pesquisas sobre os temas virais até o fim de suas jornadas.

Enquanto Dona Ivone falava, minha atenção dava pulos ao que passava na TV que jazia atrás dela, voltando e pairando entre algumas palavras soltas proferidas por esta tais quais como “coberturas na praia”, “casas de câmbio”, “preço do ouro”, e depois novamente em alguns gráficos numéricos que costumavam passar em grande quantidade nos noticiários. Como o salão do café estivera vazio, era possível ouvir o murmúrio vindo da TV caso lhe desse alguma atenção. Foi então que eu vi o rosto de Dona Ivone empalidecer. Como um par de sensores ultrassónicos, em meio a sua gabolice, ela ouvir a palavra MÉDICO.

Me lembro que a notícia trazia informações sobre um novo modelo de UTI que estava sendo implementado nacionalmente - e o qual fazemos uso até hoje – e que veio com a proposta de solucionar diversos

problemas de atendimento que se davam até então. Uma reorganização nas equipes teria início, novos cursos de formação para que fosse possível aos profissionais aderirem ao método, enfim, mais uma grande revolução da nossa heroica medicina e seus guerreiros incansáveis.

Dona Ivone, porém, não suportava ouvir esse nome. Seu semblante foi passando de um branco de cera à um roseado em torno das bochechas flácidas, depois uma vermelhidão e até o fim do novo discurso ao qual agora se empreitava estaria com a cara toda roxa de exaltação e raiva. Ergui os olhos para ela sem jeito, meio hesitante por saber o que me aguardava dali em diante e em seguida olhei para todos os lados como sem em busca de uma saída de emergência que me fizesse fugir da palestra. Ia lhe oferecer um copo d'agua e pedir que se sentasse, porém nem bem fiz menção de falar, senti a torrente de palavras iradas caírem sobre minha cabeça ainda muito lenta e pesada pelos estudos da noite anterior.

O discurso de Dona Ivone começa com as seguintes palavras:

- Tu ouviu isso meu rapaz? Médicos? Formação para MÉDICOS? Tu achas que isso tem algum cabimento?

A velha fez uma pequena pausa para respirar, como se tomando fôlego para adentrar a bravata, e então continuou:

- Lá vai o governo gastar dinheiro com essa gente. Aliás, NOSSO dinheiro vindo dos NOSSOS IMPOSTOS. Um bando de vagabundos, é isso que eu lhe digo. Estudam nas tetas do governo, comem nas tetas do governo, vivem nas tetas do governo. E aliás, esse nosso governo? Uma

escória! Ficam alimentando esses trogloditas. Você sabia que...

"Ela vai falar dos estudantes", pensei comigo, e no mesmo momento ela começou a bravejar a respeito dos estudantes.

- Você sabe como funcionam essas universidades para médicos? Essas FÁBRICAS de inquilinos do nosso dinheiro? Pois digo a você, uma verdadeira vergonha. Isso sim é o que são. Antros de preguiça e ócio em que não se faz nada o dia inteiro. São festas para lá, festas para cá, você nunca viu na internet?

E se referiu aí há alguma rede social daquela época que o leitor de hoje mal deve lembrar da existência, algum nome aportuguesado começado em F...

- Pois bem, está lá na internet, festa para calouros, festa para meio de curso, festa para formatura. E quem paga essa anarquia toda? NÓS, cidadãos de retidão e moralidade! Nós que carregamos esse país nas costas com nossos bens e nossos impostos. Pois te digo, te digo, não estudam, não sabem nada, e se formam sem nunca terem sabido de nada. Um colega de meu filho, o Senhor Borba, empregado em uma repartição pública que trata desses assuntos de saúde... As coisas que o Senhor Borba me conta, sujeito sério esse, digno de aplausos, comprou uma pistola automática semana passada por 100 mil dólares, uma maravilha, pequeninha, cheia de gravuras em fio de prata, tinha que ver, uma verdadeira joia. Enfim, como eu ia dizendo, o Senhor Borba! Contou-me que os médicos fazem sabe o que durante o "trabalho" nos hospitais (ela acentuou a palavra trabalho demoradamente, como se

fazendo sinal de aspas com a voz), pois bem, eles dormem! DORMEM! Estão lá dormindo em vez de irem trabalhar. E sabe quem é que paga para eles dormirem? Nós! Nossos impostos! Um roubo eu te digo, sim, um verdadeiro roubo.

Eu estava tonto. Lembrava de meus colegas da escola de medicina com olheiras de mal dormir. Lembrava de amigos médicos que eu encontrava na rua de olhos e bochechas fundas, seja do excesso de trabalho ou da má alimentação. Pensei nos enfermos, nos mortos, nas famílias e pessoas amadas de quem padecia. E lá estavam eles, lutando como trabalhadores braçais para reanimar uma vida sequer. E quantas foram? Quantas pessoas foram salvas dentre esse 60% que nos restou graças ao trabalho suado de meus colegas médicos. Eu estava aflito com o que ouvia, mas ao mesmo tempo sabia que qualquer tentativa de argumentação sensata ou coerente não teria êxito. Não, Dona Ivone pertencia ao grupo de pessoas que argumentava com bravata e fúria. Seus argumentos eram fundados em comentários de conhecidos, pessoas de algum renome no circulo privilegiado em que viviam. A reputação de fulano ou ciclano valeria sempre mais do que mil Hipócrates, dois mil Heideggers. Eles estavam todos acima da verdade, da lógica ou da razão. A única coisa que realmente tinha algum valor era a pistola automática gravada em fios de prata do Senhor Borba...

Porém, minha aflição tomava proporções desesperadoras. Pensei então nas aulas de lógica que eu recém havia cursado. No rigor dos nossos professores em exigirem que emitíssemos ideias de coerência substancial. Do quão polidos e respeitosos eram nossos mestres, fossem

os vivos ou os da anterioridade. E ali, bem na minha frente, estava uma mulher que falava palavras rudes, vulgares e esdrúxulas para defender sua opinião equivocada e cheia de ódio, ao mesmo tempo que se auto intitulava uma “cidadã integra e moral”.

Senti meus lábios se abrirem quase que involuntariamente. Ouvi minha voz saindo da minha boca trêmula, hesitante. As palavras que proferi foram poucas e simplórias, apenas um desafogo para o mar de agonia que entalara na minha garganta.

Lhe disse:

- Dona Ivone, mas a senhora me diga só, quem iria atender dos enfermos nos hospitais se não fossem os médicos?

Ela me olhou com uma careta franzina, mas a sensação que tive foi a de que ela me olhava sem me ver, como se eu nem estivesse ali. A verdade é que ela falava para si mesma, apenas para si mesma. A necessidade de um interlocutor era mera convenção do habito ou talvez do ego. Se mostrou rapidamente aborrecida pela interrupção mas logo, como se nunca tivesse parado, seguiu com o esporro:

- Esses médicos deveriam ser todos colocados dentro de um navio e despejados daqui. Poderiam mandam todos para qualquer um daqueles paisezinhos infames dos confins da Europa, Islândia ou algo assim, onde vivem daquele jeito vergonhoso deles, COMO COMUNISTAS! Tudo é compartilhado, tudo é gratuito, o estado banca estudo para todo mundo, nem água e luz precisa pagar! E sabe o pior disso tudo? O governo paga bolsas de CULTURA, CULTURA! Esse povo infeliz recebe dinheiro para ir ao

teatro ou o escambau. Uma vergonha eu te digo, uma vergonha absoluta. Por mim, mandavam os médicos todos pra lá e deixava que apodrecessem naquela terra gelada e miserável.

Sabe quem deveria estar atendendo nos hospitais? Pois te digo, que são os militares. Meu avô me contava que nos tempos das guerras antigas, eram os militares quem tratavam dos próprios doentes. Aquilo sim que são tempos, tempos de glória isso sim. Naquela época, era assim: chegou com uma perna podre, pois arranca a perna! Pra que gastar dinheiro com todo esse monte de frescura? Recuperação, remédio, reabilitação? Isso aí é pra dar dinheiro pra esses vagabundos, esses médicos, que vivem em arrancar dinheiro dos outros. Os militares? Não, com eles isso não existe. Pois arrancam a perna e pronto. Lá precisa de faculdade pra isso? Não gastavam nem com anestesia, veja bem, uma maravilha. E se eles faziam assim e ia tudo bem, porque fazer diferente agora? Ora, pro diabo isso tudo, só querem o nosso dinheiro, tenho dito!

A imagem de uma perna gangrenada tomou conta do meu campo de visão mental e comecei a sentir vontade de vomitar, menos da ideia da perna purulenta do que da figura que gesticulava na minha frente. Arrisquei outra pergunta tímida:

- Mas, minha senhora, me diga só uma coisa, não morreria dessa forma ainda mais gente? Pois já tem tanta gente morrendo, tanta tragédia, tanta dor...

- Olha, pois por mim, ainda melhor. Pois que morram todos! Esse mundo já está é cheio demais. Pois então, podem morrer, tem mais é

que morrer! Veja bem o que vou lhe contar, o Senhor Borges que me contou esse acontecido, ele próprio teve que lidar com o caso. Um dia ele veio a saber de um homem que perdeu justamente a bendita perna em um SUPOSTO acidente de trabalho. Uma maquina passou por cima ou algo assim. O homem chegou no hospital quase dado por morto, e bem feito, pois tu acha mesmo que foi um acidente? Histórias! Eu aposto, e Senhor Borges concorda plenamente comigo, que o vadio se deixou perder a perna. Sim, isso mesmo, enfiou a perna embaixo da máquina só para não ter que trabalhar mais, com certeza. Chegando no hospital, os tais dos médicos utilizaram de tudo que podiam para salvar a vida do homem, e salvaram. Depois disso, como se não bastasse, ainda assinaram um termo afirmando que o desgraçado teria que se aposentar por não ter a perna. Como assim não poder trabalhar só por não ter uma perna??? Você não viu na internet? Tantos vídeos de gente que não tem a perna e trabalha, toma ônibus, trem, trabalha final de semana inteiro, tudo isso sem a perna. Isso sim é bonito de ver, um exemplo eu te digo, um exemplo!

Eu estava a um segundo de sair correndo dali, gritando, chorando, arrancando as roupas e os cabelos. Eu mal conseguia acreditar que uma mulher letrada, instruída, possuidora de bens e de acesso a todo tipo de informação estava proferindo aquelas palavras. Então em um milésimo de segundos eu me lembrei que não era ela quem dizia aquilo, ou melhor, não era SÓ ELA quem pensava dessa forma sobre essas coisas e tantas outras. Elas eram muitas e muitos, estavam em posições de liderança, educavam seus filhos para pensar assim também, proferiam

suas ideias deformadas com propriedade e orgulho. Antes fosse uma lunática falando aquilo para mim, uma pessoa sem domínio das próprias faculdades mentais e alheia à realidade. Mas não, ela não era, e ela tinha muitas copias de si mesma espalhada por todas as partes...

Quem veio ao meu socorro foi a amável dona do café, que interrompeu a falatória de minha instrutora dizendo que seus grãos estavam moídos e prontos para levar. Dona Ivone me deu um adeus cerimonioso e apressado, falando que não podia se atrasar para a hora da missa...

Me despedi de maneira gentil e cordial, mandei lembranças aos filhos, e disse para que não esquecesse de pedir aos céus pela mais plena e absoluta saúde de toda sua família.

Sorriso | Luís Henrique Kulik Santos

Gilberto acordou naquela manhã sem nenhuma esperança de felicidade no dia por vir. Escovar os dentes no banheiro o obrigava a olhar a si próprio no espelho do armarinho. Ele odiava cada detalhe em seu rosto. Odiava mais que tudo as próprias olheiras, e por pouco não odiava as suas grandes orelhas na mesma proporção.

Sem mais delongas ele tratou de fazer café. Seu celular vibrou com uma notificação de uma foto de sua prima de quarto grau, Fiona Ribas, que havia postado uma foto de TBT de praia. A irmã dela comentou que dava para sentir o gostinho do verão. Ele gemeu sentindo que estava sendo espiritualmente torturado.

Pegou uma caneca cheia de café preto quente e um pacote de "Club Social" sabor pizza. Olhou para a escada e aguçou os ouvidos a ameaça de qualquer passo. Como sua esposa não parecia ter feito nenhuma menção de ter acordado ele tratou de botar a mão na massa.

***

Riana acordou com o terceiro despertador que tocava a música mais detestável que ela tinha conseguido encontrar. Levantou-se e desceu as escadas com lentidão. Ela ficou boquiaberta ao se deparar com a figura serelepe em volta da mesa. Ele estalava os dedos, se abraçava, rolava no chão e agradecia a Deus de joelhos. Ela se sentou pegando uma xícara de café enquanto refletia se aquele era motivo suficiente para uma internação psiquiátrica. Ele prosseguia com seu show e ela se serviu de um pão torrado com margarina.

O celular dele estava em cima da mesa. Ela alcançou e encontrou o Facebook de um homem.

— Gilmar Azevedo Steves Viana. — Leu em voz alta para ter certeza. Ele não pareceu ouvi-la em meio às celebrações espalhafatosas.

Procurou por mensagens recentes no Facebook do Gilberto, e não encontrou nada. Ela verificou as abas abertas e havia dois sites no Google Chrome em segundo plano. Abriu e encontrou o mesmo "Gilmar" nos óbitos recentes. O outro site levava ao jornal público local que narrava um acidente de veículo. Ela leu a tudo prestando tanta atenção quanto conseguia àquela hora. Gilberto olhou-a de relance antes de abraça-la bem forte.

— Gil, que isso? — Ela perguntou assustada.

Ele a beijava por todo o rosto.

— Isso... — Ele dizia com um sorriso enorme que parecia crescer e pulsar para se sustentar. —... É o melhor dia da minha vida!

Ele abriu a geladeira e pegou a garrafa verde de champanhe. Mexeu até a espuma triplicar. Quando abriu a tampa deixou aquilo espirrar em tudo a sua volta. Nomeou este momento como seu "Batismo da Euforia" e bebeu tudo em três goles fartos. Ofereceu o bico a ela. Riana recusou porque acreditava que beber qualquer coisa alcoólica antes da tarde seria antiético. Em seguida a isso ele estendeu a mão para ela.

— Dança comigo.

Ela não conseguiu recusar. Seguia o fluxo dos acontecimentos sem

muita certeza se não eram alucinações decorrentes de um coma, ou pior. Riram em sincronia com movimentos absurdos. Por mais que ele também risse ainda mantinha rígido o sorriso colossal que tomava sua face.

— O que aconteceu? Sério. — Ela questionava se sentando. Estava ofegante e um pouco suada.

— Gilmar. — Ele disse com naturalidade. — Gilmar morreu, ué.

— Espera... Você tá comemorando só porque o Gilmar morreu?

— Sim. — Ele deu de ombros e se serviu mais um pouco de café.

— Não porque ele morreu e surgiu uma vaga pra você na faculdade que ele dava aula, ou... Sei lá, outro motivo... Só porque ele morreu?

— Sim. — Ele mexia a cabeça para cima e para baixo com muito entusiasmo.

Ela se levantou de súbito.

— Nojento. — Apontou o dedo para a cara dele. — Isso é nojento! Me ouviu?

Ela subiu a escada murmurando ofensas tremendas com uma indignação tamanha. Vestiu-se para o trabalho e saiu pela outra escada até a garagem no subsolo. Não se despediu, nem disse mais nada. Ele não se abalou e seu sorriso enrijecido não diminuiu. Só de pensar em Gilmar ele conseguia rir com força e continuamente sem esforço. — *"Gilmar morreu".* — Era tudo o que conseguia pensar. Não importava se seriam cem, ou um milhão de vezes, repetiria para si as palavras do jornal local

sobre o acontecido. Cada sílaba de cada palavra escolhida na matéria o fazia rir ainda mais.

Gilberto foi ao trabalho depois do almoço mesmo que ficasse devendo ao banco de horas do escritório. Seus lábios secos e dentes amarelados não descansavam o sorriso exagerado. Pela tarde perdeu três possíveis clientes e dois outros clientes de longa data. Ele até tentou tapar com a mão, ou usar uma máscara cirúrgica, ou erguer a gola do casaco até o nariz. Sentia-se muito triste no fundo por perder sua seriedade melancólica habitual, mas não conseguia conter a si. Antes de ir embora os sócios pediram para que fosse para casa, e depois de terem explicado a situação também pediram para ele voltasse só quando a situação do "sorriso" passasse.

Gilberto voltou para casa e encontrou uma carta de sua esposa. Leu-a e agora percebeu que sua futura ex-esposa tinha asco de sua pessoa, e: *"preferia morar com a mãe que a traumatizou por uma vida inteira do que morar com um maníaco sorridente pelos óbitos alheios"*. Ele se sentou no sofá, e mesmo sentindo que seu mundo desabava não conseguiu parar de sorrir. Por um instante achou que fosse chorar, mas a sensação passou tão rápida como um "quase-espirro".

Ele esperou que o sorriso passasse na primeira semana. Continuou sua vida como se nada estivesse diferente, exceto pela ausência da futura ex-esposa. Seu sorriso congelou alguns músculos necessários para a mastigação, e depois de um dia tentando comer mastigando ele teve uma ideia que interpretou por genial. Passou a bater a comida no liquidificador. Todos os alimentos passaram a ficar com o mesmo gosto

depois das lâminas os destruíssem na potência mais alta do eletrodoméstico.

Ele tentava assistir TV, ver vídeos, ou ler noticiais, mas nada ressonava tanto com ele quanto a morte de Gilmar. Mesmo relendo a matéria ele conseguia imaginar a cena em que a esposa caía prantos ao descobrir o que houve pelo telefone. O caixão estaria vazio e o pó seria entregue em um recipiente adequado que, na sua imaginação perturbada, se trataria de uma lata de café. Tudo isso parecia uma piada que o fazia rir continuamente. Mesmo estando cansado tudo o que conseguia era rir independente da hora e lugar. Nem mesmo ele sabia que também ria dormindo.

Gilberto foi a um médico que o indicou para tantos outros exames com outros médicos de áreas dispersas dentro da medicina. Cada exame dizia que ele estava “normal”, mesmo que fosse de raios-x a questionários simples. O psicólogo e a psiquiatra não sabiam o que dizer de todo o caso. Todos os médicos deram um atestado, e com o resultado inconclusivo dos exames ele teria de refazer todos esses caso os sintomas curiosos persistissem por mais tempo. Ele se isolou do mundo a sua medida e sem perceber descartou o celular em um canto escuro da casa depois de ter imprimido a noticia sobre a morte de Gilmar.

Depois de um mês repetiu todos os mesmos exames com uma parcela dos mesmos médicos originais, com exceção de alguns substitutos designados na última hora. Os resultados não mudaram e ele prometeu voltar dali a dois meses.

Gilberto pediu para que o demitissem do escritório. Depois disso ele até tentou ser um comediante. O resultado foi pior possível pelo fato dele contar sempre a mesma história da morte de Gilmar por horas a fio, e persistir rindo mesmo que ninguém risse com ele. E então tentou outras coisas, como ser ator. Mas também foi rejeitado por isso, pois não havia filmes do "Coringa" e nem do "Homem que Ri" no Brasil — como lhe foi dito. E por fim qualquer coisa relacionada à dentição, porém seus dentes já estavam tão amarelados que nada resolvia o problema, nem mesmo produtos experimentais. Um dia ele recebeu uma conta pelo correio e sem ter o necessário para pagá-la saiu pela porta torcendo para não precisar voltar. Prometeu que viveria feliz mesmo sem os luxos que uma casa poderia proporcionar a ele.

***

Riana foi até a casa para questioná-lo se venderiam os carros e/ou a casa. Gilberto não respondia as mensagens no celular, nem os e-mails pessoais ou profissionais. Ela não o encontrou em nenhum lugar. Achou um liquidificador sujo na pia com um cheiro forte de torresmo e pimenta. Procurou por qualquer mensagem e não encontrou nada. Ligou a televisão e se sentou no sofá para espera-lo pelo menos até o anoitecer. Para sua sorte encontrou-o. Não da forma que esperaria, mas a sua vida sempre foi cheia de surpresas.

A reportagem acompanhava um homem barbudo que era conhecido pelo maior sorriso da região. Não diziam seu nome, mas diziam idade, profissão (antes advogado, agora desempregado) e por onde andava vivendo.

— Este senhor de cinquenta anos hoje vive na esquina da Rua dos Gatos com a Avenida das Pombas, hoje mais conhecida como “Cruzes de Canudos”. — A jovem repórter aproximava o microfone do homem sentado em algum degrau de algum estabelecimento aparentemente abandonado.

— Eu vim pra cá depois que minha esposa foi embora. Não conseguia trabalhar como advogado, e não tinha outros trabalhos pra mim. Um dia saí de casa e comecei a andar, andar, andar... Andar, andar e andar e cheguei aqui. — Ele gesticulava muito com as mãos e os braços.

Ao terminar de falar deu algumas risadas que pareciam saídas da boca de uma raposa. Engasgou com saliva e tossiu por meio minuto.

— E o senhor vive aqui agora? — Ela perguntou batendo o microfone nos dentes dele. — Desculpa!

— Tudo bem.

Riana pensou que não tinham muita verba pela falta do corte da edição nesse momento o jornal local daquele canal, ou era só uma repórter com um quadro tapa-buraco na programação que se estenderia pelo resto da tarde.

— Eu vivo aqui sim... Os canudos me fazem rir. — As imagens cortaram para ele rindo ao apontar para um deles bem de perto.

Os canudos eram postes elétricos brancos de formatos cilíndricos. A imagem voltou à repórter andando pela rua.

— A história do bairro de São Mepele mudou drasticamente quando

um carro em chamas bateu em três postes antes de parar em uma esquina consumido demais pelas chamas para poder continuar. O veículo era um modelo Hataki e a empresa que vendia essa marca tinha acabado de chegar ao Brasil. Supreendentemente haviam chamado todos os veículos da marca para um recall em todas as mídias. De acordo com Marta Steves Viana, esposa do falecido, Gilmar tinha acabado de levar o celular ao conserto e levava o carro para o mecânico para consertar um defeito no rádio que trocava de estações sem parar.

O som de Gilberto rindo sem parar não foi abafado ou cortado na edição.

Riana configurou o aplicativo do GPS com o endereço e foi para lá imediatamente.

Gilberto ainda guardava somente uma folha de papel plastificada no bolso do casaco espesso. Lia a reportagem e ria tanto quando a primeira vez que teve seu contato com ela. Ainda anestesiado pela própria risada fazia questão de ler quando achava ter esquecido uma palavra, ou um trecho em especifico.

A entrevista tinha sido encerrada há alguns minutos.

— Eu não sei o que mais de interessante a gente pode achar nesse buraco. — A repórter puxou um cigarro elétrico da bolsa enquanto conversava com o garoto das câmeras.

— Gilmar morreu aqui? — O “câmera” desatento perguntou. Durante toda a entrevista absurda ele imaginava que Gilberto fosse um ator contratado para tornar a história do acidente um pouco mais interessante.

— Isso. Bateu ali. — Gilberto apontou para o primeiro canudo. — Depois ali. — Então apontou para o segundo canudo. — Bateu aqui e terminou ali ... Aí parou e pegou fogo.

— E você ri?

Gilberto balançou a cabeça em positiva.

— Massa. Olha isso aqui. — O garoto puxou do celular uma imagem de outro rapaz. — Odeio esse desgraçado.

Gilberto arregalou os olhos.

— Também acho que se ele morresse eu largaria tudo. — O rapaz comentou já voltando a mexer no Instagram sem parar.

— O que você tá fazendo Leo? — Renata questionava o colega mexendo em seu telefone e conferindo as fotos das férias em que todos os seus colegas de faculdade, entre eles alguns desafetos bem sorridentes e riquíssimos.

— Contando do Mauricio pra ele.

A garota respirou fundo girando os olhos pra cima.

— Qual a nova?

— Ele tá trabalhando no mercado aqui perto.

— Mas ele não investia em ação quando tava estagiando? Achei que podia viver só disso.

— Ele podia. — O rapaz deu de ombros. — Se a empresa que ele

investia não tivesse dado o calote e ele perdesse toda a grana.

O garoto riu uma risada que Gilberto interpretou por saudável e invejável. Ele também sorriu levemente, respirando fundo com os ombros baixos e olhos fechados. Estava contemplativo em seu próprio ódio. Gilberto amou poder assisti-lo tão de perto.

— Mas quem sabe o que o amanhã pode trazer pra ele? Eu torço que ele bata o carro, perca a casa, a namorada, ou sei lá. Mas se ele morresse o que que eu ia fazer? Hein, me diz? — O rapaz perguntou a Gilberto. — Acho que viria aqui e me juntaria a você.

Gilberto só deu de ombros. Os dois agradeceram e se despediram alguns minutos depois disso. Gilberto tentou ler a reportagem de volta, mas não conseguia ter a mesma euforia de antes. Gilmar tinha morrido há dois meses. Quando seu arqui-inimigo faleceu ele tinha esposa, carro, emprego dos sonhos, filhos, etc. — *"E eu? O que eu tenho para alguém me odiar?".*

Gilberto se sentiu muito bobo por ter perdido tudo. Ainda mais por rir tanto de uma piada velha que, agora mesmo, não parecia mais ter tanta graça assim. Seu sorriso foi se diluindo até uma face inexpressiva com a pele esticada demais. Começou a chorar, e sufocando o próprio som nas próprias mãos permaneceu ali, fizesse chuva ou sol, por sabe-se lá quanto tempo.

Riana apareceu somente no dia seguinte. O levou até o carro sem saber o que dizer. Ele chorava soluçando sem parar.

— Gilberto! O que foi? — Ela gritou desesperada. — O que aconteceu

com você?

— Gilmar morreu. — Ele falou para ela, e para si. — Gilmar morreu! — Repetiu para o mundo. Ele se sentia como um vaso de flores mortas.

— E agora?

Ainda chorando ele foi levado para casa. Ela o deitou na cama e sentou ao seu lado para cobri-lo. Ele já parecia estar dormindo profundamente vertendo cachoeiras de lagrimas.

— Quem faz o palhaço rir? — Ele perguntou sem abrir os olhos.

— Eu não sei. — Ela respondeu sabendo que ele poderia passar por aquilo por mais uma noite ou uma eternidade. — Mas ninguém chora sozinho pra sempre. — Ela afagou seus cabelos e beijou-o na testa antes de levantar-se e sair.

Ele tentou alcançar seu braço em vão. Ainda deitado olhou para o teto e encontrou míseras forças para, de forma solitária, proferir três últimas palavras antes de adormecer para sempre:

— Ninguém faz Verão...

A loucura de amar | Alan Oliveira Souza

Barbacena, 1977.

Nasci em 12 de dezembro de 1958. Minha força não era bruta, meu andar era desengonçado. Meus pais não entendiam isso, nem sequer tentaram. O dia mal amanhecia, e eu estava lá, segurando a enxada todo desajeitado, eles diziam. Não lembro uma única vez que eu não tenha sido corrigido. Minha avó Eponina era a primeira a se zangar, aos berros se queixava com meus pais: “Tudo está errado”. Enquanto ouvia, eu me acuava. Ouvia mamãe me proteger, e olhava para a terra, sem entender o que estava errado. Eu continuava, todos os dias, até o sol raiar. Não demorou muito para meu pai, José, também ficar zangado. Quando completei doze anos, mamãe passou a me olhar com certo desdém. Enquanto eu fingia dormir, ouvia ela falar com as paredes: “Ele continua estranho, não parece meu filho”. Ela mal sabe que ouvi. Sempre a admirei, mesmo assim. Papai virou um homem de poucas palavras, mal olhava nos meus olhos. Até que certo dia, desmaiei de cansaço. Ele pegou meu braço e me arrastou pela terra, e não parou. Até me ver sangrar. Engoli a seco, mas não consegui segurar as lágrimas. Olhei para todos os lados e mamãe não estava lá. Minha avó estava e me repreendeu: “Aqui home não vai chorar”. A partir disso, passei a me esconder. Eu estava tão fechado que mal conseguia me expressar.

Quando completei quatorze, minha avó, religiosa árdua, passou a frequentar aos domingos uma igrejinha perto da fazenda em Ponte do

Cosme (MG). Ela dizia que ouvia muitas coisas sobre mim. “Não é de Deus”, repetia ela. Logo, ela passou a insistir que meus pais fossem a esta Igreja. Não demorou muito. Eles decidiram me levar, claro. Fiquei apavorado. Nunca ouvi tanto o nome do Diabo. No fim da missa, minha mãe e minha avó conversaram com o padre. De longe, elas apontavam para mim. Até que ele veio me conhecer, disse que iria me ensinar a ler e escrever. Fiquei feliz, achando que finalmente descobriria o que havia de errado comigo. No dia seguinte, mamãe me levou até a capela de Santa Luzia, onde fui recebido pelo padre e outras crianças. Assim, mamãe entregou minha mão ao sacerdote. Nos fundos da igreja, havia uma sala de aula improvisada próxima ao casebre do padre. Nessas aulas, só havia meninos da minha idade, que oravam junto com o padre. Eu não sabia rezar, mas, ainda naquela semana, aprendi. Foi assim que comecei a receber presentes do padre. Aos dezesseis, passei a decorar os pecados da Bíblia. O padre Bonifácio estava tão satisfeito que conversou com meus pais sobre a possibilidade de me tornar um coroinha. “Em Barbacena, Simão ficaria sob minha responsabilidade”, prometia. Meus pais hesitaram. “Só queremos que o padre corrija esse jeitinho dele. O lugar do Simão é na roça com o pai”, falava minha mãe. Eu ouvia tudo atrás da porta. Não sabia o que eu queria, mas naquele momento, tinha algo claro. Eu estava melhor na Igreja, o padre me aceitava do jeito que eu era. Minha avó concordava, tentando convencer meus pais: “Melhor que trabalhe para Deus do que ao Diabo”. Alguns dias depois, minha mãe descobriu que estava grávida. Minha avó nunca mais tocou no assunto. Toda a atenção que tinham no meu jeitinho direcionou-se para a nova criança. Com isso, até passei a ir para casa sozinho. Um dos coroinhas, Sebastião, andava na

mesma estrada. Não demorou muito para ficarmos amigos, íamos para casa juntos todas as noites. Sempre que nos encontrávamos, meu coração palpitava fora do normal. Custei a entender o motivo, até que um dia nos beijamos timidamente. Nesse momento, eu descobri o que era amor. Não sabia como lidar. Era uma confusão na minha cabeça. Eu estava pecando, mas não queria pecar. Estou louco em querer confessar ao padre? Algo dentro de mim implorava para sair. Acho que estava apaixonado.

Quando completamos dezessete anos, começamos a amadurecer. Nossos encontros se tornaram intensos. Certa noite, saímos colados da Igreja, o que chamou a atenção do padre. No dia seguinte, trocamos as toalhas do altar da Igreja. À noite, quando terminamos de organizar a sacristia, aproveitamos o silêncio para trocar um beijo. Até que a voz do padre ecoou por toda capela: "Simão! Preciso falar com você, filho". Assustados, sentimos um frio na barriga. Sebastião preferiu ir embora. A palavra do padre era incontestável, corri aos fundos da igreja. Quando vi o padre me levar até seu casebre, fiquei surpreso. "Ele sabe de tudo", pensei. Assim que entrei, ele disse coisas horríveis sobre Sebastião. "É um degenerado, um perdido. Você não deve andar com esse tipo de companhia". Perplexo, tentei defendê-lo: "Eu discordo, padre. É um bom rapaz, ele se preocupa com os valores da Igreja". Enquanto eu falava seriamente, o padre me abraçou pelas costas: "Você que é um bom rapaz. Um bom garoto". Eu estava boquiaberto, não sabia o que fazer. Quando percebeu que fiquei constrangido, o padre pediu perdão com as mãos postas: "Me perdoe, filho! Satanás tenta desviar os servos de Deus". Não

pensei duas vezes, fugi. Fui correndo, sem olhar para trás. Naquela estrada lamacenta, procurei Sebastião, mesmo sabendo que não o encontraria. Tudo que eu pensava era em cair em seus braços e chorar até ficar sem lágrimas. Eu estava tão aterrorizado que me assustei ao entrar em casa. Minha avó estava lá, orando e segurando o rosário à luz de velas. Entrei no quarto, fiquei encarando o teto, até cair no sono. No dia seguinte, preferi não sair da cama. Não conseguia parar de pensar no que aconteceu e no que teria acontecido se ele tivesse trancado aquela porta. Ouvi um estrondo. Aos berros, minha avó chutou a porta do meu quarto. “Simão?!”. Fui estapeado. “Sei de tudo, seu Diabo”, dizia ela. Eu não entendia o que estava acontecendo. Me desesperei, presumindo que o padre teria me envenenado contra todos. Minha mãe estava horrorizada: “Você está louco? Quer sujar o nome da família?”, perguntou. No meio de tanta gritaria, meu pai, José, chegava da roça: “Que diacho tá acontecendo?”. “Simão, fio. Ele num tem cura! O padre tava de butuca e viu ele enrabichado com outro. Tá doente da cabeça”. Meu pai interrompeu minha avó, recusou-se ouvir. “Não quero ouvir. Leve pra Barbacena”, disse meu pai, com todas as letras. Eu, já alterado, gritei: “Eu não fiz nada! Foi o padre! O padre se esfregou em mim”. Meu pai sentiu-se ofendido. Tão ofendido que me imobilizou com o braço. “O padre Bonifácio? Simão endoidou de vez”, explanou minha mãe, que assistiu tudo sem fazer nada. Tentei resistir, mas eu era fraco, um doido, como disseram. A única coisa que lembro é que amarraram minhas mãos com uma corda.

Não sei por quanto tempo dormi. Que frio insuportável. Um vento gelado na nuca. Meu corpo virava de um lado para o outro, me fazendo

esbarrar em outras pessoas. Muitos a murmurar, outros a cantarolar. Do nada, um homem começou a me cutucar. Foi quando percebi que estávamos num trem. Ele apontava para um amontoado de gente que estava no outro lado do vagão. Perguntei a um garoto de cabeça baixa: “Para onde estamos indo?”, ele respondeu: “O inferno”. Olhei para todos os lados e tinham loucos por toda parte. Quando o trem parou, foi um silêncio absoluto. Um homem de branco abriu a porta, e começou a nos puxar para fora. Quase escorregando nas poças, um bando saiu correndo. Fraco das pernas, mal conseguia andar de tanta tremedeira. Mandaram-me para o “Pavilhão Antônio Carlos”. Demorei a aceitar o que estava acontecendo. Na primeira entrevista com o médico, me perguntaram: “Onde estão seus documentos?”. Preferi ficar calado. Irritado, o doutor chamou um enfermeiro, que se referiu a mim como moleque e me deu um soco na boca. “Não sei onde estão. Não sei o que tô fazendo aqui”, respondi. O doutor arregalou os olhos ao reconhecer o sotaque mineiro. Por fim, só perguntou meu nome e idade. "Bem-vindo ao Colônia de Barbacena", ele disse.

Afinal, o que tinha de errado comigo? Levado ao pátio do pavilhão, me juntei a uma fila de homens e crianças à espera de algo que matasse a fome. Alguns vestiam roupa azul, mas a maioria estava nua. Envergonhado, evitei olhar. Um dos funcionários arrastou uma cadeira, e cortou nosso cabelo. Olhei para todas as direções e tive noção da dimensão caótica desse lugar. Nunca tinha visto nada parecido. Quando chegou minha vez, entrei em desespero. Hesitei, mas não tinha saída. Fui o único homem a chorar enquanto os tufos de cabelo caíam pelo chão.

Quando entrei dentro do pavilhão, pensei: “Não vai aguentar essa gente toda”. As camas estavam lotadas, a maior parte dormia no chão. Pessoas desnorteadas, agachadas e encolhidas contra a parede. Com fome, lembrei de casa. Tão desorientado que esqueci que tive uma. Já tinha anoitecido. Acabei preso do lado de fora com os indigentes, que tiravam a roupa e as enchiam de capim. Assim, eles faziam travesseiros. Meu Deus! O cheiro do pátio era insuportável. Não me sentia seguro para dormir, tinha medo do que podia acontecer. Os ruídos eram aterrorizantes, parecia que estavam todos me vigiando. Quando amanheceu, vi garotos da minha idade e homens mais velhos tomando banho no esgoto. Assisti a tudo com vontade de vomitar. “Hora do banho!”, gritava um funcionário, tocando palma. O cadeado do pavilhão era destrancado. A maioria dos loucos ficou onde estava. Até que outro funcionário chegou agressivamente, puxando-os para a fila. Acho que éramos trinta naquele banheiro. Homens, velhos e crianças. Recolheram nossas roupas à força, e nos jogaram para a parede. Um jato de água tão forte que derrubava. “Rápido!”, miravam a mangueira em quem tinha escorregado. Depois, éramos empurrados para fora e nossas roupas arremessadas de volta. Já estava na hora do almoço. O pavilhão Afonso Pena comia arroz, carne e feijão, enquanto nosso pavilhão comia uma canja anêmica com pedaços de milho. Alguns insistiam em tomar a sopa com as mãos, se queimando. Talheres eram privilégios. O gosto não era tão importante. Esperei a sopa esfriar, e a tomei como se fosse a última.

Fiquei falado entre os homens do Colônia como “moleque bicha”, enquanto os loucos ao meu redor, nunca deram um pio. Devido ao

falatório, passei a ser observado por outros pacientes. Um garoto estranho, aparentemente da minha idade, sentou-se do meu lado. Enquanto fumava, exibia seus braços fortes. Tímido, demorei um tempo para tomar coragem de olhá-lo. “Por que você está aqui?", perguntei seriamente. “Não sei. E você, por que tá aqui?”, perguntou. Acanhado, eu respondi: “sou diferente dos outros homens”. Repentinamente, deu um toró. Dias de chuva eram os piores. O cheiro do esgoto ficava impregnado no ar, adentrando os pavilhões. Muitos que cochilavam no pátio eram surpreendidos com a força da água, e nenhum dos homens de branco se aproximaram. Eu pensei em tirar os pacientes de lá, mas fui impedido. “Deixa eles!”, disse o garoto. Para minha surpresa, os loucos levantaram-se das poças e correram para a chuva. Alguns despindo-se, como se estivessem tomando banho. Pensei alto, enquanto observava tudo: “Como posso ajudar alguém? Eu não consigo nem me ajudar”. Assistir aquilo era uma prova de que existia vida naquele lugar, era a prova de que aqueles dois homens de branco não conseguiam controlar tudo. Todos riam no pavilhão. “É igual o amor. É incontrolável”, falei ao menino. Depois de um tempo, ele partiu. Eu o espiava de longe, sumindo no meio daquela multidão. O pavilhão estava tão cheio que dormimos espremidos, um em cima do outro. Sonhei que comia cajus diretos do cajueiro. Mas a manhã começou cinzenta. Percebi a movimentação dentro do pavilhão, um entra e sai sem fim. Um mosqueiro zunia no meu ouvido. Muitas pessoas doentes, tossindo fortemente. Vi ratos desviando dos inúmeros cadáveres espalhados pelo pátio do pavilhão, inclusive de crianças. Foi desesperador. Perguntei a um dos homens de branco: “O que aconteceu?”. Seco, ele respondeu: “Morreram”. Fiquei horrorizado. Os outros pacientes não

reagiam. Foi quando comecei a notar que sequer se mexiam. Sempre continuavam no mesmo lugar, sem falar. “Deve ser da doença”, pensei. Nos primeiros meses, começou a cair a ficha de que eu estava sozinho. Cada vez mais esquelético, pensava em casa e em Sebastião o tempo todo. Dói lidar com o fato de que meus pais me prenderam aqui. Passei a me isolar ainda mais.

Certa noite, um homem grisalho sentou-se ao meu lado e me ofereceu um cigarro. Encafifado, acabei aceitando. Rapidamente, o homem começou a me apalpar, tentando despir-me. “Arreda o pé, Chico”, disse um moleque desconhecido, arrancando o cigarro da minha mão. “Tá doido? Pega cigarro não, só se tiver algo para dar em troca”, falou ele. Fiquei emburrado. Queria o cigarro. O toque também. Estava tão sozinho, que me sentia frígido. “Se aparecer alguém de branco, finge que num me conhece”, repetia ele, receoso. Na companhia do meu novo amigo sem nome, tive uma longa noite. “Meu pai trabalhava na roça, e desde criancinha tentei tomar jeito. Nunca consegui. Minha avó me botou na igreja, pra me curar”. O menino prestava atenção em cada palavra, balançando a cabeça. “Você nasceu aqui?”, perguntei. “Moro aqui desde que me conheço por gente. Num sei de onde sou, não tenho estudo, RG...”, disse ele. Ao passar dos meses, apelidei esse garoto de Caju. Acho que Caju era o único lúcido daquele pavilhão. Demos boas risadas quando ele me contou que roubava pílulas, moedas e maços de cigarro dos homens de branco. Ele trocava por miolos de pão. Era assim que matava a fome. Além de ladrãozinho, Caju disse ter namorado todas as mulheres do pavilhão Afonso Pena, adoecendo de propósito para ser levado à

enfermaria. “Todos fazem isso. É o único jeito de chamar atenção aqui dentro”. Eu e Caju nunca compartilhamos nossos verdadeiros nomes. Aquele baixinho tornava meus dias menos ruins. Nossa aproximação chamou a atenção dos funcionários do Colônia. Logo, começaram a me dar pílulas azuis após o almoço. Nunca tinha visto uma pílula antes, colocava todas no bolso do azulão. Com o tempo, Caju não apareceu mais. Cismei que tinha feito algo que ele não gostou. Quando achei que meu vazio estava sendo preenchido, um novo vazio começou a surgir dentro de mim.

Aflito com o sumiço de Caju, pensei: “Ele já sumiu tantas vezes, deve ser uma dessas”. Passaram-se dias e semanas, e assumi pra mim mesmo que algo estava errado. Passei a perguntar aos homens de branco sobre o paradeiro do garoto de braços fortes. Nunca tive resposta. Um dia acordei com fortes dores no corpo e ao puxar o azulão, vi um inseto em cima de mim. Reagi aos gritos. Um dos homens de branco levou-me à enfermaria. Nos corredores, havia uma concentração de pessoas doentes, berrando e relatando picadas no corpo. As funcionárias foram ao pavilhão Antônio Carlos com vassouras e rodos. Na enfermaria, fui deitado numa cama fria. Vi um crucifixo acima da porta. Uma mulher de branco tirou minha roupa, e cutucou as marcas avermelhadas. “Só louco, amou como eu amei”, cantarolava o radinho de mesa. Em meio a dor, fechei os olhos e me concentrei na canção. “Você está ouvindo a 94.7 FM. Hoje, a diocese de Barbacena anunciou seu 5º bispo: o padre Bonifácio Xavier, de 51 anos”, noticiava a rádio. Meus olhos encheram de lágrimas, enquanto eu relembrava de tudo que passei. Um homem de branco entrou na

enfermaria puxando-me para fora. Enquanto caminhava de volta, me deparei com Caju. Fiquei um pouco melhor, com a expectativa de pular em seus braços. No final, só apertamos as mãos. “Me botaram no Afonso Pena, lá é cheinho que nem formigueiro. Até emprenhei uma muié por lá”, ria Caju. Estava tão desnorteado que nem sabia o que responder. Uma freira se aproximou de nós, tentando apartar nossa conversa. Na mesma hora, lembrei-me do padre Bonifácio, o que me deixou cismado. Esse misto de ódio, saudades e ciúme não acabou bem. Acabei explodindo. “Some daqui!”, gritei descontrolado. Foi um verdadeiro arranca-rabo; vários loucos gritando enquanto eu estava com as mãos no pescoço da velha. Desesperado, Caju tentava me puxar e implorava que eu parasse. Já era tarde demais, Caju. Era incontrolável.

Nu, algemado, em um quarto escuro, molhado e sem janelas. As fezes de alguém estavam espalhadas por toda parede. Como um animal enjaulado, já estava acostumado com o cheiro. Por um momento, pensei ter saído do Colônia. Tentava respirar, mas o espaço parecia me engolir. Gritava para as paredes, implorando para sair. Chorei o tempo todo, principalmente de fome. Uma hora, desisti e dormi. Acordei com o som do cadeado. O homem de branco pediu que me vestisse. Era noite quando andávamos pelos corredores vazios do Colônia. Fomos para além dos pavilhões, até uma sala estranha, que brilhava de tão limpa. Nunca tinha visto nada parecido por aqui. O doutor estava lá com dois homens, que não pareciam nada amigáveis. Deitaram-me numa cama estranha, amarraram minhas mãos e meu corpo. Uma pessoa rouca estava inquieta. Quando virei o rosto, era a freira que eu tinha enforcado. “O que

vai acontecer?”, perguntei várias vezes, até um pano foi enfiado na minha boca. Seguraram minha cabeça para que eu não olhasse para os lados. Foi quando senti meu crânio arrebentar. Pensei que meus ossos iriam explodir. Pensei que ia morrer. Os estouros continuaram acontecendo, até que eu apaguei.

Acordei no mesmo lugar de antes. Tão desorientado, que não conseguia enxergar nada. Ouvi o cadeado abrir novamente e um homem de branco veio me levar ao banho coletivo. No banheiro, fui empurrado para cima dos outros. Debilitado, caí no chão. Os loucos me ajudaram a levantar. Quase escorreguei, tive que me segurar em um dos rapazes. Na saída do banheiro, me deram pílulas rosas e fui levado ao pavilhão Antônio Carlos. Não lembro a última vez que estive lá. Alguém parecia muito feliz em me ver. “Não acredito que você apareceu!", dizia. Não conseguia reconhecê-lo. “Cê foi pra solitária?”, perguntou o moleque de braços fortes. Me esforcei, mas não conseguia lembrar seu rosto. “Cê tá lembrado de mim não?”, perguntou. Sentindo-me ameaçado, continuei andando. O jovem seguia insistindo: “O que fizeram com ocê?”. Quando me sentei no chão, ele sentou-se junto. Abriu minha camisa, observando vários hematomas pelo meu corpo. Estava com sede. Logo, me levantei e fui me arrastando pelo pátio do pavilhão. Havia um cano quebrado que cuspia água para todo lado. Me agachei na poça de água amarronzada, estendi as mãos e bebi. O moleque ficou horrorizado, como se eu estivesse fazendo algo inesperado. “Ele me acha louco, assim como todos os outros”, pensei. Deitado no pátio, o vi sumir pela multidão. Ele desistiu, que alívio! Fechei os olhos e me concentrei em sufocar a dor latejante dos meus

ossos. Com fome, mastiguei as pílulas do meu bolso, e dormi.

Despertei dentro do pavilhão, escutando grunhidos. Cocei tanto a cabeça que sangrou. Havia muitas baratas em cima de mim. Gritei por ajuda. Alguns loucos também gritaram, repetindo meu desespero. Um homem de branco correu até mim. “Não tem nada aqui”, disse. Fui levado novamente àquela sala. A mulher enfiou algo no meu braço e perguntou meu nome, mas eu não lembrava. O moleque que me perseguiu entrou na sala: “O que ele tem?”, perguntou. Fingindo não ouvir, a mulher saiu. O jovem sentou-se do meu lado. "Cê tá diferente, cara de adulto", disse ele, me encarando dos pés à cabeça. "Lembra sua história? Que cê veio da roça? Não aceitavam seu jeito. Seu pai era José, sua avó Eponina. Sua mãe cê nunca disse", insistia o rapaz, enquanto segurava minha mão. “Ao menos podia me dizer seu nome?”, implorou. A mulher retornou à sala, pôs o jovem para fora. Foi a última vez que o vi. “Simão. Esse é o seu nome!”, disse ela. “Tenho boas notícias, Simão! Estão esperando você lá fora”, disse ela. Meus olhos se encheram de lágrimas. “Quem?”, perguntei, com a voz enfraquecida. “Seu pai está lá”, respondeu. Meu pai estava aqui e eu não conseguia lembrar dele. “Rápido, ele está esperando”, dizia ela. Um dos homens me acompanhou até a saída do Colônia. Eu não tinha nada, apenas a roupa do corpo. Meu pai me abraçou bem forte, "Nós tamo arrependido de tudo, fio”, dizia ele, emocionado, me ajudando a subir na carroça. À medida que nos afastávamos do Colônia, vi o hospital sumir no horizonte, engolido pela vastidão das montanhas. Enquanto deixávamos Barbacena, a estrada se estendia à frente, vazia e sem vida. O céu escurecia, anunciando uma tempestade. Observando a tremedeira do

cavalo, perguntei: “Pai, para onde estamos indo?”. Ele permanecia em silêncio. Conforme nos aproximávamos da fazenda, encarávamos raios e trovões. Cada estrondo era um estalo mental, com fragmentos do meu passado. Me vi, pequeno, na lavoura. Ecoavam pelo pasto as palavras de minha avó: “Homem aqui não chora!”. Me vi, de batina, entregue ao padre. E finalmente, lembrei quando fui jogado naquele vagão, admirado com minha Maria, que ao contrário da mãe de Jesus, entregou-me aos loucos.

Apavorado, abri os olhos. Uma mulher segurava meu pescoço e repetia: “Ele ainda está respirando”. A porta bateu. “Era melhor ter ficado só com os choques”, disse uma mulher, que pôs algo em minhas mãos. Algo com cheiro familiar, acho que eram velas. Ela me encarou por um bom tempo até a porta bater novamente. “Já morreu?”, perguntou uma voz rouca. “Não, Irmã. Ele ainda tá respirando, graças a Deus!”, respondeu a mulher de branco. Eu conhecia aquela voz! Era a freira carrancuda! "Esse animal tentou tirar minha vida. Que Deus tenha piedade dessa alma", dizia a freira, agarrada a Bíblia. Tentei reagir, mas mal conseguia abrir os olhos. A freira desapareceu antes que perguntassem se eu era homossexual. As enfermeiras ficaram aliviadas. “Todos falavam desse moleque no Antônio Carlos. A Irmã mandou pegar o pobre menino. Deu choques na cabeça, nas partes... Era um cérebro muito jovem. Nunca foi curado. Falava muito de um tal de Caju”, revelou a enfermeira. Moscas começaram a pousar em mim. Rose acendeu a vela que pôs em minhas mãos. Eu estava morto. “Tão magrinho... nem parece humano”, comentou Teresa. Quando ela e Rose foram embora, entrei em pânico. Fiquei sozinho com meu próprio cadáver. Até que um homem apareceu, ordenando que meu corpo fosse

levado. Pensei que iria embora do Colônia, mas apenas meu corpo foi. Fiquei preso na enfermaria. Vi tantas atrocidades que me convenci de estar no inferno. Não estava mal por estar morto, mas por nunca ter dito o quanto amava Caju. Como pude esquecê-lo? Só queria encontrar e fugir com meu Caju. Eu não tinha ninguém além dele.

Ainda naquela semana, houve um temporal em Barbacena. Muitos casos de tuberculose, pneumonia e hipotermia. Caju foi um desses. Ele tremia de frio e ardia em febre. Perguntava insistentemente às enfermeiras sobre mim. Tentei tocá-lo, mas não consegui. Passei o dia ao lado dele, quase explodindo de felicidade. Na manhã seguinte, ele sumiu e não consegui achá-lo. Quase morri de novo. Não demorou muito para ele voltasse. Caju sempre achava um jeito de parar na enfermaria, perguntando por mim, mesmo sem resposta. Depois de horas observando-o dormir, decidi abraçá-lo com toda minha força. Seus olhos se encheram de lágrimas, ele soprou suavemente: "Eu te sinto, Simão". Meu coração ardeu tanto. Foi nossa despedida. De manhã, Caju foi visto roubando pílulas da enfermaria. Desde então, está proibido de voltar lá. Dias depois, ouvi que minha família me procurou. Uma das enfermeiras vivia a dizer que imaginava seu filho no meu lugar. Eu odiava isso. Podia ter sido qualquer um. Saio deste mundo sem nome, sem história, enterrado em uma vala de indigentes. Abandonado, torturado, louco... por amar.

Eu sou... | Aroldo Pereira da Rosa

Meu coração bate tão forte que meu corpo dá trancos para a frente. Por um instante, eu me enxergo de fora do meu corpo. Flutuo atrás de mim e observo minha matéria sentada. Não que eu tenha algo contra flutuar fora do meu corpo, mas é sério que é assim que meu cabelo parece para quem me vê por trás?

Fecho meus olhos o mais forte que consigo e sinto que voltei para dentro de mim. O que tem de errado comigo? Pego um espelho de dentro da bolsa. Meus olhos contornados com um lápis preto aparecem no vidro. Eles piscaram para mim? Mas eu não pisquei. Quem é essa pessoa me olhando?

Uma senhora ao meu lado começa a conversar comigo. Meu celular vibra, avisando que meu Uber chegou. Ainda bem. Posso me levantar sem ter que inventar uma desculpa. Estou com várias sacolas na mão. Um suspiro escapa dos meus lábios. Uma hora vou precisar admitir que ficar comprando um monte de coisas não vai suprir seja lá o que falta dentro de mim.

Por sorte, o caminho é curto. Estou doido para fumar. Outro reflexo, agora no vidro do carro. Quem é essa menina que está olhando para mim? Será que, no mundo que existe do outro lado do espelho, ela é feliz? Amasso o cigarro sem terminar. Droga. Não tenho nenhum chiclete.

O mercadinho fica duas quadras abaixo. Olho o relógio. Tenho tempo. Mesmo assim, prefiro apertar o passo. Quando entro no mercado, estou ofegante. É, eu preciso parar de fumar.

O local está vazio. Peço o chiclete e, pra não perder a viagem, compro mais um maço de cigarros. O senhorzinho coloca os dois itens no balcão, e meus olhos são atraídos para a imagem impressa no maço. Que legal. Esse é dos que causam câncer.

Acho graça da minha própria piada enquanto espero com o cartão na mão. Esse senhorzinho não deveria se aposentar? Ele levou dez minutos para conseguir cobrar as coisas que eu comprei. Se eu tivesse saído correndo sem pagar, ele não teria me alcançado. Será que chamaria a polícia?

Viaturas me perseguindo. O barulho de um helicóptero. Um megafone gritando. Como eles sabem o nome que meus pais me deram? Não importa. Eles iam se cansar de chamar. Eu não pararia. Eu correria mais. Aumentaria a velocidade a cada vez que escutasse aquele nome.

Ou então eu pararia e, quando o policial me agarrasse pelos ombros, eu diria: acho que a pessoa que vocês procuram foi por ali. Ele me olharia e diria: tem razão, você não é ela, me desculpe. Ele continuaria correndo, com as sirenes e os helicópteros se afastando.

Não consigo me impedir de ter uma crise de riso. Um casal me encara, e eu tampo a boca com as palmas das mãos. O relógio apita, e me dou conta de que estou perdendo tempo. Paro de rir e dou um pique, cruzando a rua.

Cruzo a porta e estou na recepção. Deu tempo. Estou sentado de novo. Uma criança vem e faz carinho no meu rosto. Sinto as minhas bochechas quentes. Ah, lá vem ele. Entramos. O que ele me diria se eu contasse tudo o que tem na minha cabeça? Será que ele ainda ia gostar de mim? Será que ainda seríamos amigos?

Ah? As provas, claro. Nós somos amigos? Meus pais pagam para ele estar aqui, para fazer essas provas comigo. Ele não é meu amigo. Mas me trata tão bem. Outra vez. Ele está percebendo que não estou aqui. Meus pés estão gelando. Eu sinto que vou me descolar de novo. Não. Eu preciso ficar aqui. Não posso sair flutuando agora.

Um texto? É sério que ele quer que eu faça um texto? Eu não tenho nem condições de dizer quem eu sou. Como eu vou escrever algo? Encaro o computador virado para mim, do outro lado da mesa, meu amigo está respondendo mensagens no celular. De novo, ele não é meu amigo. Não é? Esse tracinho fica piscando. Text cursor. Como chama em português? Cursor? Isso é uma palavra que existe? Esse teclado devia fazer tanto barulho quando eu digito? Ele continua com a cara no celular. Será que percebeu que eu estou digitando e apagando o tempo todo? Eu só queria dizer isso aqui para ele. Apaga. Apaga. Por que você não apaga?

Minha boca se mexe e o nome dele escapa. Ele está me olhando. Eu fiquei louco? Por que estou virando a tela para ele? Ele vai ver o que eu escrevi. Eu acho que sou um menino. Olha a cara dele. Ele acabou de ler. Eu acho que sou um menino. O que essa expressão quer dizer? Ele está olhando para o teto. Será que está pensando em uma forma de dizer que eu enlouqueci?

— Tudo bem.

Tudo bem? Tudo bem? Eu estou com o coração aqui aos pulos. Eu acabei de dizer que não sou a menina que todo mundo pensa que eu sou, e ele me diz "tudo bem"? Será que ele vai dizer "tudo bem" se eu jogar alguma coisa na cara dele? Não está tudo bem. Fala mais alguma coisa, não fica aí parado me olhando. Por que está passando a mão no nariz? Isso quer dizer alguma coisa?

— Você é a mesma pessoa para mim. Se é assim que você se reconhece, eu vou respeitar. Não preciso te questionar nem te encher de perguntas. Só peço desculpas se eu errar no começo.

Eu... Eu... Isso está acontecendo mesmo? Eu quero dar um abraço nele. Ele não gosta de abraços. Eu estou chorando. Eu sou um menino. Eu sou um menino e não tem problema nenhum nisso. Eu sou um menino. Pela primeira vez, parece que algo faz sentido.

O número da besta | Davi Amorim de Andrade

"Deixem aqueles que têm entendimento calcularem o número da Besta, pois esse é um número humano", Apocalipse 13:16 - 18.

Em 2026, um matemático publicou em uma famosa revista científica que realizava edições de Natal com artigos satíricos, satirizando os próprios limites do método científico. O artigo tinha menos de meia página, mas teve repercussão imediata.

***

Queremos demonstrar que o número da Besta, 666, na verdade, foi representado na antiguidade com uma falha lógica que resultou em interpretações errôneas desde então. Provamos a seguir que o número da besta, na verdade, é $1/\sqrt{(1+(\pi^2/6))}$.

Um triângulo retângulo com hipotenusa AB representa a relação entre a pessoa A e a pessoa B. O vértice C tem distância h de AB, e h representa uma terceira relação, de C com AB. $1/h^2=1/a^2+1/b^2$, de acordo com o teorema de Pitágoras inverso.

Se repetirmos o processo a partir da altura h, adicionando um vértice de cada vez, temos sempre um ângulo reto entre a paralela e o vértice. Ao repetir e somar as distâncias de todos os vértices do conjunto temos: $1+1^2+½^2+⅓^2$... caso o comprimento de cada nova aresta siga crescendo em

uma unidade de cada vez, pois sabemos que as distâncias entre as pessoas só aumentam conforme elas se afastam de Deus. Isso é $1+\pi^2/6$. A distância h representa a união de um indivíduo qualquer e o coletivo, sendo $1/h^2$ a soma da série infinita. $1/h^2=1+\pi^2/6$, e $h=1/\sqrt{(1+(\pi^2/6))}$.

Isso permite a ligação direta entre o Homem e o coletivo, ou seja, com Deus; logo, o Homem não depende mais de Deus, mas se liga ao coletivo diretamente. Q.E.D (como queremos demonstrar)

Considerando o conceito de constante cosmológica de Einstein, λ; h seria o grande equalizador entre a separação total ($\pi^2/6$) e uma união total, $1/\sqrt{(1+(\pi\text{^}2/6))}$, logo, a sociedade deveria seguir para uma dialética entre esses dois números, sendo essa a sociedade perfeita, o paraíso; resultado do conflito entre o anticristo e o Eterno. E eu, um simples matemático que não quer desagradar gregos e troianos, escolho o caminho da evasão dialética, adeus.

***

O matemático formulou esses cálculos como um desafio conceitual de lógica e uma pequena brincadeira com o significado que nós damos aos números; mas muitos assumiram que ele havia mesmo descoberto o número da Besta e passaram a tratá-lo como o verdadeiro anticristo. O matemático, no entanto, passou o resto da sua vida vivendo tranquilamente, ainda que a sua descoberta tenha sido interpretada como

uma revelação por muitas pessoas.

***

Logo após a publicação do artigo, revistas de divulgação científica e jornais sensacionalistas divulgaram os resultados do matemático, os primeiros tranquilizando os seu público, dizendo que o artigo não passava de uma piada bem formulada e uma composição lógica interessante. Já os segundos, o divulgaram como uma profecia apocalíptica, listando inúmeros outros "sinais" da proximidade do fim do mundo.

Além disso, houve inúmeros teóricos da conspiração que tentaram encontrar ligações entre o matemático e a maçonaria e outras sociedades secretas. Um desses teóricos, um psicólogo social expulso da comunidade científica por divulgar conteúdos duvidosos, propôs que esse resultado já existia no inconsciente coletivo desde a antiguidade, mas só agora era trazido à tona. Para ele, o inconsciente coletivo era uma espécie de Basílio de Roco, uma entidade que quer ser trazida à tona e que recompensaria com o paraíso todos aqueles que contribuíssem com isso; e com a punição eterna a todos aqueles que tentassem impedi-los.

Uma cientista reconhecida por revelar e desbaratar teorias da conspiração foi à TV para falar sobre o assunto:

"Essa é só uma forma elaborada de desinformação, sua estrutura é tão didática que podemos usá-la como modelo para reconhecer outras

do tipo. Em primeiro lugar, temos a lógica circular, o argumento de uma teoria da conspiração entra em loop, de forma que não conseguimos sair dele apenas seguindo a sua lógica. Segundo, ele descredibiliza qualquer tentativa independente de testar a sua validade ou falsidade fora da estrutura circular, pois você seria, supostamente, "punido" se fizesse isso. Terceiro, ele usa a remota possibilidade de estar certo como um argumento absoluto em prol da sua veracidade, isso é típico de teorias da conspiração. Em suma, este caso é extremamente didático sobre os perigos das teorias da conspiração e como nós podemos, com um pouco de senso crítico, provar a sua falsidade."

"O que você está propondo, professora", disse o entrevistador, "é que tenhamos uma fé inabalável na ciência e na sua capacidade de explicar o mundo, mas acredito que nem todos têm o pensamento frio de identificar as contradições de um argumento sem se levar pela emoção, mesmo sabendo que se trata de uma teoria da conspiração."

"Esse é o ponto", respondeu a cientista, "esta é uma oportunidade de ouro para exercitar o nosso pensamento científico, pois qualquer apelo à emoção aqui pode levar ao erro: o argumento apela para a suposta neutralidade da matemática para fazer uma piada, esse era o objetivo inicial do artigo e da revista que o publicou, são justo os limites de nós cientistas de combater esse tipo de desinformação que estão em jogo."

O entrevistador perguntou novamente: "professora, você está pedindo para que as pessoas não sigam a lógica do argumento e

também usem a falta de evidências como uma evidência para não o levarem a sério. Alguns teólogos estão usando o argumento da escolha de Pascal: se eu não acreditar nesse Basilisco Social, ou na Besta, e ela existir, serei punido pela eternidade; caso eu acredite nela e ela exista, eu terei a recompensa eterna."

"Esse argumento do inconsciente coletivo dotado de agência também é problemático", respondeu a pesquisadora, "não encontramos qualquer evidência da sua veracidade, essa é só uma forma de coibir o pensamento crítico a partir de uma lógica de culto em escala global. É o que eu disse, se conseguirmos analisar friamente as evidências, podemos usar este como um caso modelo para desbaratar qualquer teoria da conspiração."

"Eu não sei se eu tenho essa cabeça fria necessária para não levar essa questão para o lado emocional, professora", concluiu o entrevistador.

Pouco tempo depois dessa entrevista, um neurocientista renomado escreveu o livro: *"A Besta, a Escolha de Sofia Moderna*". Ali, ele argumenta que o problema lógico da Besta, ou do Basilisco Social, forçou as pessoas a tomarem uma escolha entre duas possibilidades igualmente dolorosas: pôr toda a sua fé na ciência e na sua capacidade de explicar o mundo ou acreditar em uma lógica de culto em troca de uma possível recompensa no pós-vida; tudo ou nada.

Passados alguns meses, alguns fenômenos começaram a aparecer

relacionados com o problema do Basilisco Social. O primeiro era que muitos membros de cultos haviam abandonado sua antiga crença. O problema do Basilisco Social era uma espécie de “droga mais leve” que podia ser usada na transição entre a lógica mais “pesada” do culto e a realidade. A necessidade de fazer uma escolha de “tudo ou nada” era perfeita para o tratamento, que começou a ser realizado em massa.

Muitas pessoas, no entanto, adotaram a crença no Basilisco Social como uma religião ou uma filosofia pessoal, principalmente aqueles que já eram adeptos de teorias de conspiração. As atitudes de líderes da extrema direita como Donald Trump e Benjamin Netanyahu passaram a ser ainda mais pautadas pela irracionalidade, o que fez médicos e analistas políticos questionarem a sanidade desses presidentes.

Bilionários e donos de grandes Big Tecs do campo da IA passaram a dedicar as suas vidas para trazer à tona a Besta, ou o Basilisco Social. O resultado após alguns anos da publicação do artigo era um mundo ainda mais dividido entre aqueles que acreditavam na ciência e aqueles que acreditavam na Besta.

No fim da vida do matemático, ele se pronunciou sobre o efeito global do seu artigo: “Foi uma boa piada, gosto de pensar que a distância média entre as pessoas está rindo neste exato momento.”

Confessionário | Erick Labanca Garcia

Um certo padre conhecido como Lamarca, mas ninguém sabia seu primeiro nome, era um tanto extravagante – beirando a excentricidade, pois possuía um tique nervoso de enrolar o seu cabelo incessantemente quando estava ansioso – e estava convicto de que ninguém viria se confessar nesse dia chuvoso e úmido na pacata cidade do interior onde era pároco. Porém, uma pessoa desconhecida, de sobretudo e cartola, cujo nome podia ser o João, Roberto ou Alberto, compareceu no confessionário todo molhado em razão do toró que caía fora da Igreja.

O local era espaçoso, tão vasto que a voz humana ecoava por toda a Igreja. O homem de sobretudo caminhou até o confessionário. Este fora talhado em madeira escura, quiçá mogno, e estava empoeirado, pois poucos se confessavam. Nesse dia, então, com a chuva violenta e os trovões retumbantes, ninguém havia aparecido.

A figura desconhecida ajoelhou-se no genuflexório, duro como uma rocha formada há milênios devido às erosões, e o padre iniciou o sacramento:

- Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Quais são os seus pecados, meu filho?

- Amém. Padre, tenho muito a te dizer – disse, de maneira sardônica.

- Enumere-me os pecados, meu filho.

- Ah, padre... São tantos!

- Pois enumere – afirmou o padre, já meio impaciente.

- São esses: Orgulho e soberba... 2... 3... 4... 5... 6... 7... 8... 9... 10... e por aí vai.

- Meu filho, apesar de ter me contado as faltas, não ficou evidente para mim o seu arrependimento e ele é muito necessário para absolvição.

- Padre, então não há salvação para mim?

- Meu filho, por mais que eu te absolva e tu pagues a penitência, a ida ao céu é muito incerta. Além disso, a confissão seria nula, pois você não está arrependido.

- Pois é, padre. Já que o inferno já é certo, eu posso te perguntar uma coisa, padre Sérgio?

- Qual... a sua dúvida, meu filho? – perguntou assustado, enrolando seus cabelos ansiosamente, pois ninguém conhecia seu primeiro nome na pequena cidade.

- Por mais que eu seja um desconhecido para o senhor, como um penitente qualquer, possuo certos nomes: pode ser Roberto, Alberto ou Luz, por mais irônico que o último nome seja – disse, retirando a cartola e revelando o rosto. – Você me disse que a ida para o céu é incerta. Então, quero te propor uma questão inversa do que se faz ordinariamente aqui. Dependendo das suas respostas, eu te levo para o lugar certo. Padre Sérgio Lamarca, quais são os seus pecados?

O estrangeiro de mim mesmo | Ramsés Albertoni Barbosa

Existe uma forma particular de vertigem que não pertence ao domínio da patologia, mas da memória, aquela que se instala no instante em que o tempo se dobra sobre si mesmo e revela, sem cerimônia, que nunca fomos uma única pessoa. Foi essa vertigem que se apresentou diante de mim numa tarde de maio de 2026, dentro de uma sala escura de cinema num shopping, espaço que, por sua própria arquitetura do eterno presente, seria o lugar menos provável para uma epifania.

Eu estava em Vitória, no Espírito Santo, participando de um concurso público para professor efetivo da Faculdade de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo. Nos dias anteriores, havia passado pelas etapas que a instituição prescreve para avaliar os candidatos. Entre uma etapa e outra, havia uma tarde inteira sem nada que me fosse exigido, uma lacuna no cronograma que produzia aquela estranha sensação de suspensão temporal que os concursos às vezes concedem a seus candidatos como trégua ou como armadilha.

Fui ao cinema.

Quando era jovem, o mundo chegava até mim filtrado por certos instrumentos. Um deles era a banda inglesa The Cure, cuja sonoridade carregava aquela densidade que os jovens costumam confundir com profundidade e que, às vezes, de fato o é. Robert Smith, seu vocalista, era, assim como eu, um leitor voraz, condição que raramente se declara em

voz alta, mas que sempre se denuncia na escrita. Da leitura do romance *L'Étranger*, de Albert Camus, nasceu a música *Killing an Arab*, faixa que não era, a rigor, sobre um árabe nem sobre um assassinato, mas sobre a indiferença do universo diante do ato humano, a mesma indiferença que Meursault, a personagem do romance, descobre sob o sol argelino no instante em que aperta o gatilho sem que qualquer deus ou lógica moral interceda. O músico soube ouvir na narrativa o que ela tinha de irredutível, uma pergunta formulada sem esperança de resposta, e a traduziu para quatro acordes e uma voz que parecia vir de dentro de uma caverna particular.

Camus era um homem entre dois mundos, franco-argelino, mediterrâneo, situado nessa fratura colonial que o século XX jamais resolveu e sobre a qual ainda hoje tagarelamos com vocabulário insuficiente. Seu Meursault não é cruel, é absurdo, no sentido conceitual que o próprio Camus conferia ao termo. Ele existe em confronto com um universo que não responde. Essa posição, a de quem formula a pergunta sabendo que não haverá réplica, é a que o romance de 1942 ocupa com uma frieza que desorienta, porque não é frieza de crueldade, mas frieza de lucidez.

Décadas depois desse primeiro encontro com Camus e The Cure, me sentei numa poltrona de cinema para assistir à adaptação de François Ozon, filmada no Marrocos e lançada no Brasil neste maio de 2026. O que a tela me ofereceu foi, desde os primeiros fotogramas, uma proposição filosófica cifrada em linguagem fotográfica, Ozon e o diretor de fotografia

Manuel Dacosse escolheram um preto e branco de baixo contraste, predominantemente acinzentado, sem brancos e pretos profundos. Não existe a dramaticidade expressionista do contraste violento, nem a nostalgia pictórica do monocromático clássico. Há, em seu lugar, uma neutralidade que é ela mesma uma tese sobre o mundo de Meursault, um mundo que não oferece gradações morais reconfortáveis, e cuja imagem se recusa a fornecê-las. Sob a forte luz de Argel, reconstituída no Marrocos como um sentido quase sobrenatural de época e espaço, alguns tons assumem discretas manchas de cor pastel, rosadas ou azuladas, que contaminam a percepção com uma atmosfera de delírio e sonho. O calor, nesse filme, não é apenas meteorológico, é epistemológico.

Benjamin Voisin habita esse Meursault com uma economia gestual que é, em si mesma, uma forma de argumentação. O protagonista é um funcionário público sem primeiro nome e sem ambições que trabalha de maneira eficaz, porém sem paixão, nem para aprovar nem para detestar o ofício. Recusa uma promoção e uma transferência para Paris com um encolher de ombros que não é modéstia, mas ausência constitutiva de desejo. Quando Marie pergunta se ele a ama, responde que isso não significa nada, que acha que não. Essa frase não é crueldade, é a articulação de um sujeito para quem o desejo, no sentido de vontade e projeto, simplesmente não opera. Meursault é um ser que possui pulsões, o sexo, o ímpeto de disparar, mas não possui o *pathos* que a ordem simbólica exige como prova de humanidade.

Não deixei de notar, sentado naquela poltrona escura do cinema, a

ressonância perturbadora entre a condição de Meursault e a minha condição de candidato a concurso público, uma vez que ambos comparecemos diante de uma banca, somos avaliados menos pelo que fizemos do que pela forma como performamos o pertencimento a uma ordem simbólica previamente estabelecida. Existe uma cumplicidade involuntária entre Meursault e eu, que caminho descalço pelas areias da praia de Camburi, pois chegamos ao sol sem mediação, sem o filtro protetor do sentido que a ordem simbólica oferece àqueles que aceitam seus termos. O sol sobre esta praia não é decorativo nem metafórico no sentido fraco do termo, é o mesmo agente epistêmico que Ozon reconstitui nas imagens em movimento, aquele calor que não aquece, que expõe, que dissolve a fronteira entre mim e a indiferença do mundo. Quando sinto a areia queimar as plantas dos meus pés e recordo, nesse instante físico e involuntário, a figura de Meursault diante do árabe sob o sol argelino, o que ocorre não é reminiscência literária ou cinematográfica, mas reconhecimento corporal, o sol de Camburi e o sol de Camus são o mesmo sol, aquele que não testemunha nem julga, que incide com igual impassibilidade sobre quem está prestes a agir e sobre quem jamais saberá do ato. A diferença entre nós dois é que Meursault disparou e eu apenas caminho solitário, mas o sol que sobre ambos cai formula, sem intenção e sem piedade, a mesma pergunta que nenhum de nós pediu para receber e que nenhuma resposta, nem o disparo nem o meu passo seguinte na areia, conseguirá, de fato, responder.

Meursault está de pé na areia com o peso do metal na mão, olhando para o mar, olhando para a areia, e a única coisa que consegue ver diante

de si é a boca aberta de um homem do qual não escuta nenhum som, porque o universo retirou o som das coisas no exato instante em que retirou o sentido. Ele pode se virar e ir embora, ou pode disparar, e é aqui que a filosofia do absurdo se instala no corpo com uma brutalidade que nenhum tratado prepara, uma vez que as duas escolhas resultam em absolutamente nada, não porque sejam equivalentes moralmente, mas porque o cosmos não registra nem uma nem outra, não testemunha, não absolve, não condena.

Estou vivo. Sou outro estrangeiro. Essas afirmações não se contradizem, coexistem na mesma respiração, na mesma areia queimando os meus pés, enquanto o sol incide sobre o meu corpo com a mesma indiferença com que incide sobre o corpo do homem estirado no chão. Morto.

O tribunal que condena Meursault não o condena porque ele matou, condena-o porque ele não chorou no enterro da mãe, porque não demonstrou o luto esperado, porque recusou a gramática afetiva que a instituição reconhece como prova de humanidade qualificada. O concurso para professor opera numa lógica estruturalmente análoga, o candidato é convocado não apenas a demonstrar competência, mas a demonstrá-la segundo as formas reconhecíveis por quem já pertence à instituição. Existe um roteiro, e a recusa ao roteiro, mesmo quando motivada por convicção intelectual genuína, é lida como incompetência ou arrogância. O que Meursault se recusou a fazer foi exatamente o que todo candidato a concurso aprende, cedo ou tarde, a fazer, ou seja, performar a emoção

certa, no lugar certo, para a audiência certa.

É nesse ponto que a adaptação de Ozon intervém criticamente sobre o próprio texto que adapta. No romance de Camus, a vítima é identificada apenas como "o árabe", o outro, o estrangeiro cuja alienação é paradoxalmente mais onerosa que a de Meursault, mas que permanece anônimo, sem voz, sem luto legível. No filme, Ozon devolve nomes às personagens, a vítima se chama Moussa, sua irmã, a mulher agredida por Raymond, se chama Djemila, e o cineasta inventa um diálogo entre ela e Marie sobre a injustiça racial do julgamento, inteiramente ausente em Camus. Essa escolha suaviza o argumento sobre a cumplicidade do romance original com a invisibilização colonial, mas ao mesmo tempo o torna mais legível para o espectador contemporâneo. O crime de Meursault não é, nessa leitura, um *acte gratuit* no sentido existencialista puro, é, ao menos em parte, o ato de alguém obliquamente consciente de que, como homem branco numa colônia francesa, contará com proteção sistêmica suficiente para sobreviver às consequências. Meursault emerge como extensão lógica e ilógica de uma supraclasse educada, o ponto final violento do imperialismo, cujos administradores não se perturbam com compaixão em seus corações cínicos.

A maior parte da narrativa de Ozon preserva os fatos de maneira fiel e linear, recusando a transposição literal do texto literário. Apenas após a cena da morte a linguagem cinematográfica permite suas primeiras subversões, enquadramentos em *plongée* e *contraplongée*, distorções óticas provocadas pelo calor, uma tensão homoerótica com a vítima e

uma divagação interna em *off* que elabora a percepção do assassino. Como se a subjetividade de Meursault só existisse em estado de ruptura, e não como dado contínuo de uma consciência organizada. Existe ainda a única cena em que a personagem expressa emoção com violência, a agressão ao sacerdote na cela, ponto de inflexão que contradiz tudo o que o filme vinha construindo e que talvez seja o único instante em que Meursault reconhece, fugazmente, que o universo lhe formulou uma pergunta que ele não soube responder de outra forma.

Quando o promotor o pressiona por um motivo para o crime, ele responde com a frase que concentra toda a filosofia do absurdo em poucas palavras, "*C'était à cause du soleil*", foi por causa do sol. O sol é a indiferença cósmica tornado agente climático, a ausência de fundamento convertida em calor físico. Nem a lei, nem a religião, nem o amor satisfazem a exigência de sentido que essa resposta deliberadamente frustra. O que condena Meursault não é o disparo, é a insubmissão ao roteiro da expiação pública.

Nos créditos finais, Ozon fez a escolha que fechou para mim o círculo de décadas, pois encerrou o filme com a música *Killing an Arab*. Os acordes que Robert Smith escreveu a partir do romance de Camus ressoou de volta, agora como ponto final de uma adaptação que havia reconstituído, no preto e branco acinzentado, a mesma paisagem moral que motivara a canção. Três obras, três momentos históricos distintos, 1942, 1978, 2025, uma única pergunta que nenhuma delas responde, porque a filosofia do absurdo não oferece resposta, mas apenas o

reconhecimento de que a pergunta é permanente e que a ausência de fundamento não dispensa a responsabilidade de agir.

Foi nesse instante que percebi, ao meu lado, uma mulher se levantando para sair. Ela não sabia da cadeia de significantes que eu vivenciava naquele momento. Dirigi-lhe algumas palavras, ela parou, ouviu a música, não sei se compreendeu a conexão. O que ficou foi a consciência de que eu havia tentado transferir uma memória intransferível, estratigráfica, acumulada em camadas que nenhuma sinopse poderia reconstituir.

E é aqui que Marcel Proust se torna necessário, não como ornamento literário nem como referência de prestígio acadêmico a ser exibida numa aula demonstrativa perante uma banca de seleção, mas como instrumento conceitual insubstituível para nomear o que estava acontecendo comigo naquela tarde em Vitória. Em *À la recherche du temps perdu*, o tempo não é linear nem reversível, é depositado em nós como sedimento geológico, camada sobre camada, cada experiência comprimindo as anteriores sem as destruir. O que Proust descobre, e o que a madeleine encena com uma economia narrativa que toda a filosofia posterior invejaria, é que essas camadas não estão inacessíveis, estão latentes, aguardando a percepção certa para revelar sua presença simultânea. Uma percepção pode ser um sabor, um perfume, uma luz específica. Naquela tarde, a minha percepção foi uma música tocada sobre imagens em movimento numa sala de cinema de shopping, enquanto eu aguardava as próximas etapas do concurso.

O que eu vivia não era nostalgia, mas sobreposições, é preciso insistir nessa distinção, porque a confusão entre os dois estados é epistemologicamente dispendiosa. A nostalgia é a dor passiva da distância, ela pressupõe que o passado está lá, separado do presente por uma fratura intransponível, e que o sujeito, aqui, o contempla de longe com uma dor que não tem remédio e não pede ação. É uma postura fundamentalmente paralisante, e há nela uma secreta satisfação com a própria impotência. O que eu vivia era outra coisa, era sobreposição, as camadas não estavam separadas, estavam ativas, simultâneas, respondendo cada uma à sua frequência própria dentro do mesmo instante. O jovem que ouvia The Cure e que lia Camus estava ali, sentado naquela poltrona, não como fantasma nem como lembrança, mas como camada geológica ainda viva, ainda capaz de vibrar na frequência de quatro acordes e de dezenas de páginas, com sua surpresa retrospectiva intacta. O pesquisador que atravessou anos de trabalho sobre arte, comunicação e resistência, e que naquela semana precisava demonstrar institucionalmente que esse trabalho tinha valor reconhecível, esse também estava ali, usando os mesmos ouvidos que o jovem usara para ouvir Robert Smith e os mesmos olhos para ler o romance de Camus, a mesma inteligência que foi sendo depositada, camada a camada, por tudo o que veio antes e depois.

Proust nos ensina que o eu não é uma entidade única que percorre o tempo, é uma estratigrafia que o tempo percorre, e o que torna o instante proustiano tão vertiginoso é precisamente que, quando a percepção acerta a camada exata, todas as outras camadas respondem ao mesmo

tempo, não em sequência, não em hierarquia, mas em coro polifônico. Naquela sala escura, eu não era o candidato ao concurso que por acaso havia sido jovem e ouvido The Cure e lido Camus, eu era, simultaneamente e sem contradição, o jovem que ouvia Smith, o leitor que descobriu Camus, o pesquisador que chegou a Vitória com um currículo e uma aula demonstrativa preparada sobre estética e resistência, e o espectador que viu tudo isso convergir num único acorde final. Nenhuma dessas camadas era mais real que as outras. Nenhuma delas estava encerrada.

O gesto de Ozon sobre Camus é um ato apaixonado de deferência a um antepassado, embora reconheça que a contemporização sobre raça e império cobra um preço, algo da brutalidade sem coração do original se perde no processo. Existe honestidade nessa avaliação, e ela não invalida o filme, antes o situa naquilo que o distingue do mero tributo. Ozon não ilustra Camus, responde a ele, a partir de uma posição histórica que escritor não tinha como ocupar. E Robert Smith, décadas antes, já havia feito o mesmo. O que eu assisti naquela tarde foi, portanto, uma conversa atravessando oitenta anos de pensamento, de música, de cinema e de política colonial não resolvida, uma conversa que a pessoa ao meu lado estava prestes a deixar sem saber que havia sido convidada. Talvez ela tenha chegado em casa e procurado a canção. Talvez não. E essa ignorância é, ela própria, absolutamente camusiana, pois agimos, transmitimos, tentamos, e o universo não confirma nem nega.

O que Meursault recusou, a ficção do sentido performada para o tribunal, não é o que a arte recusa. A arte recusa a ficção vazia, mas aposta todos os lances dos dados na ficção habitada, aquela que sabe

ser ficção e mesmo assim sustenta o peso de uma vida inteira. Robert Smith fez isso com uma canção, Ozon fez com um filme, Camus fez com um romance que ainda hoje, oitenta anos depois, faz uma pessoa num cinema de shopping em Vitória se erguer antes do fim dos créditos, ignorando, por segundos, que existe ali alguém disposto a interrompê-la para dizer que vale a pena ficar.

As minhas idades não passaram, estão aqui, sobrepostas, cada uma respondendo diferentemente ao mesmo absurdo, e é precisamente essa dissonância interna que prova, contra toda síntese apressada, que ainda estou vivo.

A serpente e o milho | Isabella Tavares Sozza Moraes

Quando chegou a São Paulo, Beatrice Alighieri trazia duas malas, um léxico de provençal antigo e aquela espécie de altivez que certas famílias italianas conservam como se fosse prata lavrada. Nascera em Ravena, sob a tutela de campanários e pinheiros, e aprendera desde cedo a distinguir o rumor da História do mero estrépito dos homens. Aos quarenta e três anos, convidada a ensinar literatura italiana numa universidade paulistana, julgou que o exílio voluntário lhe acrescentaria gravidade. Em busca de uma cátedra, não pátria.

Instalou-se num apartamento antigo da avenida São Luís, onde as janelas, altas e fatigadas, recebiam à tarde a luz oblíqua do centro. Havia no edifício um elevador de ferro que gemia entre os andares, um porteiro que citava sambas sem sabê-lo e corredores impregnados do odor de cera e chuva. Beatrice dispôs os livros pelas paredes com zelo litúrgico. Dante ficou à cabeceira; Petrarca, junto à escrivaninha; Boccaccio, por uma cautela talvez moral, foi relegado à sala. Sobre o aparador pôs uma pequena serpente de prata, joia materna, enroscada em torno de uma esmeralda escura.

Nas primeiras semanas, percorreu a cidade como o decifrar de um códice danificado. A praça da República pareceu-lhe uma iluminura sobre a qual muitas mãos houvessem derramado fuligem; o viaduto do Chá, uma frase suspensa entre duas margens; a rua da Consolação, um nome excessivamente cristão para tamanho desassossego. Tudo lhe era bárbaro e, por isso mesmo, sedutor. Todavia, ao anoitecer, quando regressava das aulas, sentia que a multidão a atravessava sem

reconhecê-la. A solidão, pensava, é a língua estrangeira que ninguém precisa estudar.

Foi numa terça-feira de junho que viu pela primeira vez Amaro dos Reis. Chovia pouco, mas com pertinácia. Sob a marquise de um cinema extinto, ele empurrava um carrinho de pipocas cujo metal polido recolhia em fragmentos as luzes dos automóveis. Tinha quarenta e seis anos, cabelos já tocados de cinza e um rosto em que a bondade não se oferecia de imediato: era preciso esperá-la, como se espera que o milho se abra ao fogo. Usava camisa branca, colete de lã e um chapéu antigo, impróprio para o ofício e para o século.

Beatrice deteve-se porque o aroma lhe recordou as feiras de sua infância. Pediu um pacote, articulando as palavras com muito cuidado, no sentido de atravessar pedras molhadas.

— Com sal ou com açúcar? — perguntou Amaro.

— Com memória — respondeu ela, sem sorrir.

Ele ergueu os olhos. Não se admirou da resposta.

— Essa é mais cara. A memória nunca cabe inteira no saco.

Beatrice sorriu então, contrariada por haver encontrado, num pipoqueiro, a réplica que muitos professores não teriam sabido dar. Voltou no dia seguinte. Depois, tornou a voltar, sob o pretexto de que o caminho entre a universidade e sua casa passava necessariamente por aquela marquise, embora para isso precisasse alongá-lo em três quarteirões.

Amaro nascera no Bixiga, filho de uma costureira baiana e de um tipógrafo português. Estudara somente até onde a urgência permitira, mas lia os livros abandonados nos bancos, comprados por moedas em sebos ou recolhidos depois das feiras. Conhecia de cor trechos de Camões,

algumas páginas de Machado e um soneto de Petrarca numa tradução já sem capa. Não se vexava do carrinho. Dizia que o milho era a mais honesta das criaturas: posto ao suplício, revelava o avesso de si e se fazia maior.

— É uma pequena ressurreição — observou Beatrice.

— Ou uma vaidade — replicou ele. — Cresce e fica oco.

Ela levou essa frase para a aula. Falando aos alunos sobre a soberba, citou "um pensador popular do centro de São Paulo". Amaro riu quando soube.

— Pensador popular é um modo comprido de não dizer pipoqueiro.

Beatrice corou. Foi a primeira advertência, delicada como o sulco inicial de uma lâmina. Ela a beijou para não responder. Amaram-se sem juventude e, talvez por isso, sem desperdício. Beatrice passou a descer todas as noites para ajudá-lo a guardar os frascos, dobrar a lona e empurrar o carrinho até uma garagem da rua Aurora. Amaro subia com ela, trazendo nos bolsos grãos que apareciam depois entre os livros, sob o tapete, dentro das xícaras.

Aos domingos, cozinhavam em silêncio: ela preparava polenta; ele, café forte. Às vezes, Beatrice lia em italiano, e Amaro, de olhos fechados, adivinhava pelo ritmo quando os versos desciam ao inferno ou contemplavam estrelas. Casaram-se numa manhã sem solenidade. Duas testemunhas, flores amarelas e um almoço modesto numa cantina. Ela conservou o sobrenome; ele conservou o carrinho. À noite, Amaro ofereceu-lhe um caderno encadernado à mão.

— Para o livro que fará seu nome atravessar o oceano.

Na primeira página escrevera, com letra lenta: "Àquela que sabe que

toda palavra, antes de ser glória, foi fome."

Beatrice publicou um estudo sobre as imagens da privação na poesia medieval; depois outro, mais audacioso, acerca das vozes humildes na tradição italiana. Sua escrita era severa, luminosa e armada de erudição. Os convites chegaram: congressos, bancas, conferências, homenagens. O apartamento encheu-se de separatas e placas. Repórteres a procuraram. Discípulos passaram a repetir-lhe os gestos, a inclinação da cabeça, até certas pausas que ela empregava antes das palavras decisivas.

Amaro continuava sob a marquise, agora diante de uma farmácia. O cinema fora demolido, mas ele guardara uma letra de bronze do letreiro (um A), dizendo que toda ruína devia preservar ao menos o princípio do alfabeto. Beatrice utilizava as observações dele nos artigos. A metáfora do milho tornou-se, sob sua pena, "o paradigma plebeu da transfiguração"; a cidade-códice, que aprendera com as caminhadas ao lado dele, converteu-se em "hermenêutica da matéria urbana". Às vezes citava "um informante anônimo". Quase nunca dizia Amaro.

Ele não reclamava. Ajudava-a a preparar as malas e esperava o regresso com flores compradas no fim da feira. O amor, para ele, não era uma balança. Era uma casa: não se pesa o teto que nos abriga.

Mas Beatrice começou a sentir vergonha (não dele), dizia a si mesma, mas da curiosidade alheia. Nos jantares acadêmicos, quando perguntavam pelo marido, respondia que trabalhava "com alimentação". Depois, que era "pequeno comerciante". Finalmente, que vivia "retirado por razões de saúde".

Cada eufemismo parecia-lhe uma peça de seda lançada sobre

uma verdade áspera. Não percebia que a seda, em muitas camadas, também sufoca. A serpente de prata, que por anos dormira no aparador, passou a acompanhá-la nos dias de cerimônia. Beatrice prendeu-a primeiro ao casaco, depois ao vestido, à altura do coração. A joia emprestava-lhe uma elegância antiga. Sob as luzes dos auditórios, a esmeralda parecia um olho atento.

Quando recebeu o mais alto prêmio de sua carreira, uma emissora enviou equipe ao apartamento. Amaro, avisado de que a sala seria transformada em estúdio, saiu mais cedo com o carrinho. Porém a chuva, súbita e volumosa, obrigou-o a regressar. Parou no corredor ao ouvir a voz da mulher através da porta entreaberta.

— Professora — perguntou a entrevistadora —, houve alguém decisivo em sua trajetória? Alguém que tenha sustentado sua vocação nos anos difíceis?

Fez-se uma pausa. Do corredor, Amaro distinguiu o leve atrito do broche contra o tecido.

— Minha obra nasceu de uma solidão radical — declarou Beatrice. — Não tive companheiro de percurso. Tudo quanto alcancei devo à disciplina e à fidelidade absoluta aos livros.

Amaro permaneceu imóvel. Trazia na mão um saco de milho, e os grãos, comprimidos por seus dedos, produziram um rumor miúdo, semelhante a dentes batendo de frio.

A entrevistadora insistiu:

— E seu estado civil?

— Viúva — respondeu Beatrice.

Não houve ênfase nem hesitação. A palavra saiu perfeita, polida,

definitiva. No mesmo instante, a serpente desprendeu-se do vestido e caiu sobre o assoalho. A equipe interrompeu a gravação; alguém se abaixou para apanhar a joia. Do lado de fora, Amaro compreendeu que certos homens morrem primeiro na linguagem e somente depois no corpo.

Ele desceu sem entrar. Levou o carrinho até a praça, embora a chuva apagasse a chama e encharcasse os sacos de papel.

Ficou sob uma árvore, olhando o milho cru. Durante tantos anos, acreditara que o fogo revelava a essência; naquela noite percebeu que também podia consumi-la sem revelação alguma.

Beatrice encontrou-o de madrugada na cozinha. O chapéu escorria sobre a mesa. Amaro segurava o caderno que lhe dera no dia do casamento. A dedicatória estava aberta.

— Ouvi a entrevista — disse ele.

Ela levou a mão ao peito. Faltava-lhe a serpente.

— Você não compreende. Essas pessoas transformam tudo em anedota. Minha vida privada não pertence ao público.

— Então por que não a guardou? Por que precisou matá-la?

— Foi apenas uma palavra.

— É assim que vocês, os que vivem das palavras, chamam o veneno quando são vocês que o destilam?

Beatrice tentou abraçá-lo. Amaro recuou com uma dignidade tão serena que ela sentiu, pela primeira vez, a inteira distância entre ambos. Não era a distância entre a universidade e a rua, entre Ravena e o Bixiga, entre Dante e um carrinho de pipocas. Era a distância entre o amor oferecido e o amor reconhecido.

— Eu fiz tudo por nós — disse ela.

— Não. Você fez tudo de nós.

Amaro fechou o caderno. Não a abandonou. Talvez porque ainda a amasse; talvez porque, em sua ética sem tratados, uma promessa não perdesse o valor quando o outro a aviltava. Continuou a dormir ao lado dela, a preparar-lhe o café, a perguntar pelos alunos. Contudo, algo se retirara de seus gestos. Era como se executasse, com exatidão, os ritos de uma religião na qual já não encontrava Deus.

Beatrice pediu perdão muitas vezes, mas sempre acrescentava uma razão. O medo do ridículo, a crueldade do meio, a necessidade de proteger a obra. Cada justificativa era uma nova escama. Amaro escutava e via crescer diante de si não a mulher que amara, mas uma criatura fria, longamente enroscada na árvore do prestígio.

A serpente não estava no broche perdido: estava na sintaxe de Beatrice, nas orações sinuosas com que ela contornava a culpa sem jamais atravessá-la. Pouco a pouco, Amaro deixou de abrir o carrinho. Dizia que o peito lhe pesava. Os médicos nomearam uma insuficiência, prescreveram comprimidos, recomendaram repouso. Nenhum exame registrou o desgosto, esse hóspede arcaico que a ciência, por pudor, costuma hospedar sob nomes latinos. Ele emagreceu. Suas mãos, outrora marcadas por pequenas queimaduras, ficaram transparentes.

Beatrice alcançou, nesse mesmo período, a culminância. Seu grande livro, A dignidade das vozes menores, foi traduzido em cinco línguas. Recebeu uma cadeira honorária em Florença e outra em Paris. Na conferência de consagração, falou sobre a obrigação moral de escutar os silenciados. A plateia levantou-se. Ela curvou a cabeça sob os aplausos, e por um instante ouviu, entre as palmas, o crepitar de centenas de grãos

abrindo-se ao fogo.

Voltou a São Paulo antes do previsto. Encontrou Amaro junto à janela, contemplando a avenida. O centro parecia um mar de faróis, e a noite, uma vasta página ainda não escrita.

— Trouxe o livro — disse ela, colocando o volume em suas mãos. — Está dedicado a você.

Amaro abriu-o. Leu: A A., presença discreta nos anos de elaboração.

Sorriu sem amargura. Essa ausência de cólera feriu-a mais que uma acusação.

— Até na gratidão você me abrevia.

Beatrice ajoelhou-se diante dele. Pela primeira vez não procurou argumento.

— Diga-me o que fazer.

— Diga meu nome quando já não servir para me salvar.

Morreu naquela noite, sentado na poltrona, com a mão pousada sobre os cabelos dela. Ficaram juntos até a morte, como haviam prometido; mas a promessa, cumprida na letra, jazia desonrada no espírito. Quando os homens da funerária vieram buscá-lo, encontraram no chão um único grão de milho. Beatrice o recolheu e o guardou no lugar da serpente.

Nos anos que lhe restaram, tornou-se ainda maior. Institutos levaram seu nome; teses examinaram suas teses; jovens pesquisadores viajaram para ouvi-la pronunciar, com sotaque intacto, os versos da antiga língua. Ela recusava perguntas biográficas. Em toda conferência, contudo, antes de iniciar o tema anunciado, contava a história de Amaro dos Reis, pipoqueiro do centro de São Paulo, leitor de Camões e inventor de

metáforas que outros assinavam.

Contava-a sem ornamentos, pois aprendera tarde que a verdade não necessita de palavras altas. Dizia também que seu livro mais célebre nascera das conversas com ele e que a autora, por ambição e covardia, negara em público o homem que em segredo a sustentara. Alguns ouvintes julgavam tratar-se de recurso retórico. Outros admiravam a confissão como prova de grandeza. Beatrice aceitava até esse último equívoco, sabendo que a vaidade é capaz de fazer um trono com o próprio arrependimento.

Envelheceu no apartamento da avenida São Luís. Já não havia serpente sobre o aparador, nem esmeralda, nem prata. Havia somente o grão ressequido dentro de uma redoma de vidro. Às tardes, quando a luz incidia sobre ele, Beatrice via uma coisa mínima, cerrada em si, que jamais se entregaria ao fogo.

Na véspera de morrer, chamou uma antiga aluna e lhe confiou o caderno do casamento. Pediu que, se algum dia escrevessem sua biografia, não dissessem que fora viúva antes do tempo, nem que vencera sozinha, nem que a erudição a redimira.

— Escreva apenas — murmurou — que uma serpente pode conhecer todos os nomes do paraíso e ainda assim ignorar o amor.

Depois fechou os olhos. Lá embaixo, na rua, um pipoqueiro desconhecido acendeu a chama. O primeiro estouro subiu entre os edifícios com a nitidez de uma palavra, enfim, verdadeira.

Um presente de natal | Naiana Moraes Gonçalves

A bolsa estava pronta: as roupinhas, as fraldas organizadas e o conjunto de saída de maternidade. Tudo havia sido preparado com muito carinho e amor. Eu tinha pensado em cada detalhe, pois sabia que, naquele dia, veria o rostinho do amor da minha vida e sentiria, pela primeira vez, o calor do seu corpinho nos meus braços.

Era terça-feira, 17 de dezembro, e a chegada do Natal estava próxima. Eu tinha tanta coisa para organizar! Depois de uma viagem de trinta minutos, cheguei ao hospital. Na sala de espera, caminhava de um lado para o outro, tomada pelo nervosismo. Enquanto o tempo passava, eu me recordava do dia em que descobri a gravidez — que surpresa! Lembrava também do chá revelação e da escolha do nome do meu menino: Matheus Leoni, que significa “presente de Deus”, o meu “Leão”. Fui eu mesma quem o escolheu.

Minha família estava ali, dando-me forças, mas eu sentia um medo enorme da dor do parto. Era um frio intenso na barriga. Afinal, o primeiro filho traz um misto de sensações para a gente. Por um instante, quis que aquele momento passasse rápido, mas, no fundo, sabia que, depois daquele dia, eu nunca mais seria a mesma. Eu ganharia um codinome: mamãe do Léo!

O coração estava acelerado, a barriga pesada e os pés bem inchados. Tudo à minha volta parecia cooperar para aquela experiência ímpar. O tamanho da barriga, no entanto, não se comparava ao tamanho

do amor que eu já sentia. E olha que ela era bem grande! Quem me via dizia:

— Deus benza! Que barriga bonita e graúda!

Depois de passar pela recepção, fazer os exames e assinar os termos para a cesariana, fui encaminhada para o centro cirúrgico. Antes, tive um momento de relaxamento na sala da psicóloga. Conversamos, e aquilo me acalmou. Após a medicação, chegou a minha vez.

Mas, antes de entrar na sala de parto, aconteceu algo muito especial. Enquanto eu passava de cadeira de rodas pelo corredor, fui aplaudida por outras grávidas que visitavam o hospital naquele dia. Elas sorriam e diziam:

— Abre alas para a rainha!

— Deus abençoe!

— Já deu tudo certo!

— Deus te dê uma boa hora!

Naquele instante, o medo deu lugar à alegria. Ali, eu conheci a minha verdadeira força. Fui medicada, e o procedimento cirúrgico começou. Por alguns minutos, o efeito dos medicamentos me fez perder a noção de onde estava. Não sentia o meu corpo. Via a luz do foco cirúrgico, o médico e os enfermeiros de forma vaga, com os olhos quase fechados, imersa em um silêncio que pairava sobre a sala. Até que, de repente, um chorinho

agudo tomou conta de todo o ambiente, rompendo o torpor. E o doutor anunciou, em um grito alegre: — Nasceu o Natalino!

O pai entrou assustado, mas logo foi tomado, pela primeira vez, por um grande amor pelo filho, seu primogênito, que carregava o seu primeiro nome. Naquele instante, nasceu também uma mãe.

A bolsa estava pronta para recebê-lo. As roupinhas estavam separadas, as fraldas organizadas e o conjunto de saída de maternidade escolhido com todo cuidado. Eu havia preparado tudo para a chegada dele. Mas o maior presente não estava dentro da bolsa. Naquele 17 de dezembro, antes mesmo de o Natal chegar, Matheus Leoni chegou aos nossos braços. O meu Leão. O meu presente de Deus. O nosso presente de Natal.

CRÔNICAS



Metamorfose | Thatiane Karoliny da Melo

Somos resquícios de uma era perdida, sobras de um tempo de luta vencida. Rostos marcados por lágrimas, poeira amarela na estrada. Somos escolhas mal pensadas, vidas secas e também cansadas. Sonhos interrompidos por um despertador, no mar, grandes barcos sem navegador. Choros silenciados, risos segurados, futuro que acabou de se tornar passado. O que esperam da gente? nós que somos apenas sementes procurando por uma boa terra e alguém preparado para nos tratar. Somos tudo que o presente insiste em apagar, tudo que o vento leva e o tempo nunca vai lembrar. Humanos, máquinas, animais ocupando espaços abstratos e nada mais. Nos recompondo dos erros dos nossos pais fingindo que não somos meros mortais, despreparados para cada nova jornada. Somos seres que esperam ser melhorados, buscando transformações a partir dos calos do passado. Agimos, amamos, andamos, falamos, falhamos, pensamos e somos iguais. Somos massas uniforme em metamorfose do que fomos e somos. Jovens lagartos à espera de asas azuis que nos salve de cair do precipício enquanto levamos esperança ao que seremos.

Algum rítimo | Thauan José Pastrello

Os pensamentos se sucedem rapidamente, assim como os vídeos curtos passam na tela com um simples toque do dedo. Ao contrário dos vídeos, os pensamentos não passam. Eles sedimentam-se acima dos olhos quando a secura me obriga a fechá-los. Logo, ao abrir das pálpebras, outro porquê surge incessante, rompendo o sentido da gravidade e pairando como uma suave bigorna içada sob as pálpebras abatidas. Não desaparecem, mas também não os vejo. Estão ali, exigindo decisões sem importar-se com as alternativas. Um exame que consome da foz aos fatos a energia vital. Um moinho da íris a retina persegue minha mente, entendo porque, apesar de coloridos, são tristes os cavalos do carrossel de brinquedo. O peso de pensar, pesar e penar o tempo inteiro é permanente, como feito sombra incólume ao corpo contra a luz, insuprimível. Exceto por uma diferença acachapante: repousa a sombra quando tudo é escuro, mas não descansa os olhos, nem quando durmo.O feixe de luz dos pensamentos vem de dentro. E de caço jeito de ajuizar o devaneio, ordenar o desatino, planejar o desastre e apostar na insensatez, sigo os planos e fracasso com sucesso. Afinal, o que se vê por esses olhos consumidos pelo planeta morto e o buraco negro? A princípio, parecem imagens faladas. A sucessão sem lógica, desordenadamente caótica, é narrada pela circunstância; as escuto. Sua fiel descrição visceral descola o narrado do vivido, tornando foto o que era vídeo. E, na fina superfície tomada pelo medo, invés de destrato, o alimento. O egoísta assombro quer estar certo mesmo sem razão. É o milagre da multiplicação, do medo, da angústia e da indecisão. Num condão faço do fato siamês da opinião.

Torno inquestionável o que penso, uma obviedade, tal qual para erguer uma torre deve-se utilizar ferro e cimento. Os ouvidos captam a divergência, farejam a negação, mas não alcançam nada além do milagre inaudito. O indivíduo serial e inespecífico, autoproclamado autêntico, esbate na esteira dos dias úteis, atrás das grades das agendas, sem julgamento, mas com perpétua sentença.Não bastasse o caos, a realidade é repartida em sequências, fragmentos e ciscos quase incompreensíveis. Um quebra-cabeça sem gabarito, um labirinto. O protagonista não escuta a narração, mas o presságio é sempre certeiro e os desfechos são atados tal qual o previsto. Os vídeos de curta duração continuam no passar dos dedos. E os pensamentos se acumulam, vez ou outra sopra a circunstância e o vento toma a decisão. Não me ponho a corrigir ou retificá-los. Se existem qualidades, essa é a benesse da insegurança, o maior valor do covarde.Me dou o indulto da exaustão da inoperância, anistia da não agência. E sigo passando, tal qual um vídeo curto me empurro pelos dedos. Enquanto os vídeos passam, eu mesmo passo e, comigo, o tempo. A circunstância é firme e segura. O homem não. Se querem me convencer que há beleza na solidão, também posso crer que escolha é diferente de decisão. Cada qual com sua religião. Eu até escolho se vejo o vídeo ou não. Mas a circunstância é quem decide, pode-se chamar isso de algoritmo da decisão. E de que te adianta tal conclusão? Nada, argumento sofista, forma sem conteúdo, estética eticista. Os vídeos curtos no rolar dos dedos repetem-se na tela que habito, escolho mas não decido. Sequer este assunto é lícito, não tem validade dado que não há pensamento, pois apenas existo."

A educação que molda o ser que moldaram o mundo | João Victor Araújo

Naquela sala de aula, onde um mapa-múndi dominava metade da parede, o professor de Geografia, Enrico, traçava com giz colorido rotas imaginárias que conectavam continentes, oceanos e culturas. Cada linha desenhada era uma ponte entre a realidade e o mundo exterior; cada ligação entre países e continentes revelava um novo universo em expansão. Múltiplas realidades, diversas formas e uma variedade de aromas que costumavam encantar os alunos, que saíam da aula maravilhados.

O ano era 1928, em uma cidade fria do nordeste da Itália, onde o calor do fogo lutava para aquecer o pequeno espaço que se transformaria em sala de aula. Apesar das dificuldades impostas por uma realidade áspera, Teosene, uma jovem doce, se encantava pela geografia, vendo nela uma maneira de explorar o mundo sem sair das quatro paredes da sala. Assim começava uma jornada sem sair do lugar, com a mente vagando sobre montanhas, navegando por rios caudalosos e mergulhando nas profundezas dos oceanos. A educação geográfica era o bilhete de entrada para desbravar o desconhecido, entender as diferenças e descobrir as semelhanças. Teosene não se cansava de questionar o professor sobre o mundo: "Professor Enrico, por que aqui é tão frio e quase não há árvores? Não gosto do frio", perguntava a jovem. "Veja, estamos em um local muito alto, no meio de uma grande montanha, cercada de neve. Em lugares elevados, o frio é comum", respondia o professor. Mesmo exausto por seu trabalho, o professor percebia que essas perguntas

ajudavam a jovem a entender o mundo dela, o seu lugar nele. Através da geografia, Teosene aprendia a enxergar o mundo com os olhos de um viajante curioso, sempre disposta a aprender, maravilhar-se com as maravilhas da natureza e compreender a complexidade das sociedades que habitavam o planeta.

Em uma doce manhã de verão de 1929, onde o sol brilhava na montanha, Teosene, ansiosa pelo novo ano em seu amado espaço, avistou ao chegar aos portões antigos da escola o carro do governo. Seu querido professor e guia em suas aventuras estava preso, e a escola sofria intervenção do Estado Fascista Italiano. Mesmo desolada, Teosene foi encontrar seus colegas em aula e conhecer seu novo professor. O senhor Wilhelm era um velho professor aliado aos interesses do governo. "Jovens, em que parte o antigo professor de vocês parou no ano passado?", perguntou o velho professor. "Lembro-me que aprendemos sobre a dança das estações e sobre relevo, que transformavam montanhas e vales em histórias fascinantes", respondeu a doce Teosene. "Que bobagem! A partir de hoje, vamos aprender geografia de verdade, e não a criar poemas sem sentido", rebateu o senhor Wilhelm.

Em todas as aulas, a jovem levantava suas perguntas rotineiras: "Professor, por que no Brasil há tantas árvores e aqui não há nenhuma?" questionava a menina. "Teosene, concentre-se no conteúdo de hoje, não se distraia com suas fantasias que nada acrescentam", retrucava o professor. Teosene via e sentia a mudança; aquele espaço que costumava ser seu refúgio para pensar agora se tornara seu purgatório, sem chance de escapar e voar pelo mundo.

Mesmo depois de muito tempo, quando a jovem fechava os olhos, ainda conseguia sentir o cheiro daquele giz colorido e ouvir a voz do professor que a ensinou que, por mais distante que um lugar possa parecer, ele está mais perto do que imaginamos. Bastava abrir um atlas ou fechar os olhos e deixar a imaginação nos levar.

Um Pilé à vida | Vitoria Arantes Ferreira

Sai da consulta e ia comer um pão com queijo e ovo. Fui andando, fantasiando com a minha melhora, com os efeitos da medicação, comigo mesma. Não senti a minha caminhada nem o caminho que fiz. Quando vi, estava lá. Desci as escadas e andei pelo corredor. Entrei na recepção e lá estava a foto, a foto gigantesca da bailarina, a primeira bailarina de 2006, Ana Botafogo.

A sala de ballet permanecia intocável, como se o tempo não tivesse passado e o retrato permanecia ali, imóvel. Ela estava fazendo um passet lindo, perfeito. Essa foto foi usada como uma metáfora em uma das muitas aulas de ballet pelas quais eu passei na infância. Uma professora nos apontou a foto a fim de nos ensinar sobre esforço. Na metáfora, a professora falava que a Ana Botafogo estava fazendo um esforço tremendo, sofrendo, mas carregava consigo um sorriso leve, quase como se estivesse passeando, como se nada estivesse acontecendo. Ao nos ensinar sobre isso, a professora, mesmo que sem intenção, me ajudou a construir a ideia de uma postura, de uma forma de enxergar a vida. Ela nos dizia que era assim que deveríamos fazer no ballet, esticar a perna, bumbum pra dentro ,postura, braços leves. Era essa a postura que eu conheci e vivenciei dançando ballet, a metáfora ficou.

Eu deveria fingir, eu deveria sorrir, mesmo se estivesse doendo, eu deveria estar sempre sorrindo e enganando a platéia. No ballet existe um jogo de sedução importante, nos doamos inteiramente pelo público, é ele

o nosso grande objetivo e para alcançar esse objetivo deveríamos suprimir aquilo que é inerente a nós: a dor.

Olhei pro retrato da Ana Botafogo e lembrei da metáfora, por um momento meu coração bateu forte, era como se eu fosse uma menininha novamente, eu queria ver algo de diferente naquele lugar, me angustiou saber que eu me recordava perfeitamente bem da imagem, que aquela imagem não era uma daquelas imagens que se tem uma lembrança vaga. Na verdade, eu me lembrava perfeitamente bem da foto, de todos os detalhes, me angustiou por uns minutos, foi ruim.

Até que encontrei uma coisa. Uma única coisa e foi isso o que fez a foto se tornar outra para mim. A Ana Botafogo era muito mais jovem que eu presumia aos 8 anos. A lembrança da foto que ficou para mim foi a de um contorno de mulher adulta. Era um contorno, quadris, com os pés flexionados. Ela era de fato incrível , mas eu não tinha me dado conta do quanto ela era jovem, ela era uma menina que estava tentando viver e aprender, os dentes meio tortos, infantis ainda.

Engraçado que eu reparei no sorriso da bailarina, dessa vez, em vez da força ou da flexão das pernas, como era pedido pela professora. Curiosamente, mesmo eu tendo ouvido que na verdade estava doendo muito e que a Ana Botafogo estava nos enganando com um sorriso forçado. Dessa vez, quando eu me encontrei de frente com aquele retrato, eu me dei conta de que o ponto de vista da professora era o dela e não o meu. Por isso, quando olhei para aquele retrato eu achei o sorriso da Ana Botafogo muito sincero. Ela estava feliz em estar ali, dançando, ouvindo aquela música clássica enfadonha, ela estava realizando um sonho. Achei

importante voltar àquela sala de ballet, voltar àquele retrato e àquela metáfora que me assombraram por anos, porque agora, com 25 anos, eu vejo que no sorriso da primeira bailarina havia desejo.

O padecimento da Rosa | Kaike Marcondes Beckert

Ainda no inverno curitibano, daqueles que cortam os olhos, permaneci ao lado de Rosa. Ela continuava sendo minha companheira, ao menos por inércia. Amávamos o inverno, a estação que deixava a cidade mais bonita, que demonstrava com avidez a sua esfera mais intrínseca de ser. Rosa e eu começamos a nos encontrar no outono, tempo seco e de transição; mas nossa história como companheiros – no sentido próprio da palavra – floresceu na primavera. Lembro-me do pedido de namoro: corri para a casa de Rosa e, com um grande buquê de rosas encontrei-a. Foi um momento mágico; como se os ponteiros não corressem, permanecendo inacabável. Como se estivéssemos na melhor das estações, preenchidos por um período bom. Aquelas rosas eram de um vermelho intenso, do mais vibrante vermelho carmesim, que me faziam desprender da realidade, deixando-me vago no tempo.

Passavam-se os dias, encontrava Rosa, conversávamos e mantínhamos o cuidado e o zelo com as flores, regando-as e velando por elas. Contudo, não desalinhava o pensamento acerca de nós: quanto tempo permaneceríamos juntos? Acreditava que, assim como a própria percepção do tempo, iríamos permanecer da mesma forma, tal como outrora se formara. Percebi que os dias começaram a esfriar antes do inverno. Cada vez mais, a ardência silenciosa do frio infiltrava nos vãos e nos cômodos. Tornava-se difícil encontrar-me com Rosa; parecia haver uma limitação – tal como um bloqueio métrico – entre nós. As conversas, uma vez tão empolgantes e repletas de “tempo”, agora figuravam sazonais, meramente protocolares. Ainda assim, em nossos eventuais

encontros – nas vezes em que ia à sua casa –, dentre intervalos inicialmente curtos, prestava atenção às rosas. Estavam descolorindo, como se estivessem se resguardando de algo, como se reservassem forças para resistir ao inverno. Perguntava-me a razão daquela discrepância do "tempo", qual seria a origem dos seus efeitos? Seria o próprio tempo? Seria Curitiba? Seria a Rosa? Seria eu?

Dessa forma arrastou-se o relógio, completando seu ciclo natural, inerente ao exterior e persistente em seu ofício, divergente do que nos é intrínseco. Assim são as flores; sensíveis ao toque e ao tempo. Exigem cuidado, talvez um tipo de desvelo específico. Cuidado esse que somente um jardineiro pode fornecer. Mas, atento a pensar, pois não me refiro ao jardineiro pela eficiência de seu labor, mas pela compreensão de como fazê-lo. Agora, é tempo bom, pelo menos em comparação ao tempo que já foi. O inverno curitibano permanecerá, e nós também. Podemos até não ser mais os mesmos que outrora éramos. Não posso dizer sobre a resistência das rosas; não sei dizer se continuarão a pulsar. Não sei se eu espero ou atuo. No fim, talvez, eu esteja aguardando o tempo passar, esperando pela próxima estação.

O espelho que importa | Keyth Martins

Existem manhãs em que o simples ato de se levantar da cama parece um desafio forte, uma batalha silenciosa contra as forças invisíveis da autocrítica e da insegurança. O sol, lá fora, insiste em brilhar com uma intensidade quase zombeteira, mas a luz que deveria nos aquecer e inspirar parece não alcançar os recantos mais profundos da nossa percepção, onde as sombras da dúvida se agigantam. O cabelo, antes dócil e cooperativo, rebela-se em um emaranhado indomável, desafiando qualquer tentativa de arrumação; a roupa, escolhida com esmero e otimismo na noite anterior, agora parece estranha, desajustada, como se pertencesse a outra pessoa, a uma versão mais confiante e menos real de nós mesmos. E, em um suspiro quase inaudível, percebemos que não é apenas o exterior que está em desalinho. A alma, essa entidade complexa e multifacetada, o cerne da nossa existência, também se encontra em um estado de desarmonia, como um instrumento desafinado em uma orquestra silenciosa, cujas notas dissonantes ecoam em nosso interior. É um sentimento universal, uma experiência humana que nos conecta em nossa vulnerabilidade, mas que, curiosamente, tem menos a ver com a imagem estática e muitas vezes implacável refletida no espelho físico e muito mais com a narrativa interna, fluida e em constante construção, que tecemos sobre nós mesmos. Essa narrativa, muitas vezes inconsciente, é o verdadeiro espelho que molda nossa percepção e nossa interação com o mundo.

Autoestima. Ah, essa palavra. Tão onipresente em conversas cotidianas, em artigos de revistas brilhantes e em livros de autoajuda que

prometem a chave para a felicidade, e ainda assim, tão frequentemente mal compreendida, distorcida e simplificada a ponto de perder seu verdadeiro significado. Não se trata de uma vaidade superficial, de uma obsessão narcisista com a beleza física ou de uma busca incessante e exaustiva por validação externa, por aplausos e reconhecimentos alheios. A autoestima genuína transcende o mero apreço estético ou a aprovação social. Ela é a profunda e inabalável convicção do próprio valor intrínseco, um reconhecimento visceral da dignidade inerente a cada ser humano e da capacidade inata de ser e de fazer, de criar e de transformar. É a bússola interna que nos guia através das tempestades da vida, a voz silenciosa, mas poderosa, que sussurra: "Você tem valor, você é suficiente", mesmo quando o mundo exterior parece conspirar para nos convencer do contrário, para nos diminuir e nos fazer duvidar de nossa própria essência. É a resiliência que nos permite levantar após uma queda, a coragem inabalável de persistir diante da adversidade mais implacável e a sabedoria de aceitar nossas imperfeições, nossas falhas e nossas vulnerabilidades como parte integrante e essencial de nossa humanidade, como marcas de uma jornada única e valiosa.

Lembro-me vividamente de uma amiga, cuja presença era quase etérea, como um fantasma que se move pelas bordas da existência. Ela se encolhia, literalmente, em qualquer ambiente, como se tentasse ocupar o menor espaço possível, tornando-se quase invisível. Sua voz era um murmúrio quase inaudível, suas desculpas eram automáticas, proferidas mesmo antes de qualquer possível ofensa, como um reflexo condicionado de uma insegurança profunda. Elogios? Ah, ela os desviava com a mesma

agilidade e destreza com que alguém se esquiva de uma pedra arremessada em sua direção, como se fossem ameaças diretas à sua frágil existência, à sua zona de conforto de autodepreciação. Era doloroso testemunhar sua constante autodepreciação, sua incapacidade crônica de reconhecer a beleza, a inteligência e a bondade que todos nós, que a conhecíamos, víamos nela com tanta clareza.

Um dia, impulsionada por um cansaço existencial que a consumia, por uma exaustão de viver à margem de si mesma, ela decidiu buscar ajuda profissional. Iniciou um processo terapêutico, uma jornada de autoconhecimento e cura que se estendeu por muitos meses, pontuada por altos e baixos, por descobertas dolorosas e libertadoras. A transformação não foi abrupta, nem espetacular, mas gradual, sutil, como o desabrochar lento e majestoso de uma flor rara. Meses depois, reencontrei-a por acaso. Ela entrou em um café, não com a antiga timidez que a definia, mas com uma postura ereta, um sorriso confiante que iluminava o ambiente e um brilho nos olhos que antes não existia, um brilho de quem havia encontrado a própria luz. Não era a roupa nova, nem o corte de cabelo moderno que a transformara, embora esses elementos pudessem ser reflexos externos de uma mudança interna. Era a maneira como ela ocupava o espaço, como se, finalmente, tivesse compreendido que tinha um lugar reservado no mundo, um direito inalienável de existir plenamente, de ser vista e ouvida. Era como se ela tivesse, enfim, feito as pazes não apenas com o espelho de casa, aquele que reflete a imagem física, mas, e principalmente, com o espelho da alma, aquele que reflete a essência mais profunda e verdadeira do ser, a sua identidade mais

autêntica.

A autoestima, é crucial reiterar e enfatizar, não deve ser confundida com arrogância, com uma presunção infundada de superioridade que beira a prepotência. Tampouco é uma ilusão, uma auto enganação conveniente para mascarar inseguranças profundas ou para evitar o confronto com a realidade. Pelo contrário, é a manifestação mais pura e elevada da autocompaixão, a coragem intrínseca de se tratar com a mesma gentileza, o mesmo respeito e a mesma compreensão que dispensamos, sem hesitação, aos nossos entes queridos, aos amigos mais próximos e até mesmo a estranhos em necessidade. É a capacidade inestimável de reconhecer que somos seres imperfeitos, falhos, em constante evolução e aprendizado, e que essas imperfeições, longe de diminuírem nosso valor intrínseco, nos tornam mais humanos, mais reais, mais complexos e, paradoxalmente, mais belos. É a liberdade libertadora de não depender da aprovação alheia para validar nossa existência, para nos sentirmos completos e dignos de amor e felicidade. É a compreensão profunda e transformadora de que defeitos, sim, todos os temos, são cicatrizes de batalhas travadas, marcas de uma jornada única e muitas vezes árdua, lições aprendidas e superadas. Mas nenhum desses defeitos, por mais evidentes que sejam, por mais que nos incomodem, tem o poder de apagar a luz que reside em nosso interior, a essência luminosa do que somos de verdade, a nossa verdade mais profunda e inalienável.

E quando essa compreensão se enraíza em nosso ser, quando a autoestima se torna uma parte indissociável e fundamental de quem somos, a vida, em sua totalidade, se transforma de maneiras que antes

pareciam inatingíveis. Começamos a caminhar de forma diferente, com uma leveza e uma firmeza que antes nos eram desconhecidas, como se tivéssemos descoberto um novo centro de gravidade. A voz adquire um tom mais seguro, mais assertivo, capaz de expressar nossos pensamentos e sentimentos com clareza e convicção. As escolhas são feitas com maior consciência, alinhadas com nossos valores mais profundos, com nossos desejos mais autênticos e com a visão que temos para nós mesmos. O amor, em todas as suas manifestações, seja ele romântico, familiar, fraternal ou universal, é vivido com uma leveza, uma profundidade e uma autenticidade que só quem se ama verdadeiramente pode experimentar e oferecer.

Porque quem se reconhece, quem compreende seu próprio valor e a sua dignidade, não se vende barato, não se contenta com migalhas emocionais ou materiais, não se submete a relacionamentos ou situações que o diminuam, que o desrespeitem ou que o façam duvidar de si mesmo. E quem se valoriza, quem nutre o amor-próprio como um jardim precioso, regando-o com carinho e atenção, começa a atrair para sua vida aquilo que realmente merece: respeito mútuo, alegria genuína, prosperidade em todas as suas formas e conexões humanas autênticas e significativas. É um ciclo virtuoso, onde o amor-próprio irradia e, por sua vez, atrai mais amor, mais abundância e mais felicidade.

Em um mundo que, incessantemente, tenta nos diminuir, nos encaixar em padrões irrealistas de beleza, sucesso e comportamento, nos bombardear com mensagens de inadequação e nos fazer sentir insuficientes, ter autoestima é mais do que uma virtude desejável; é um

ato de resistência, uma declaração de independência, uma revolução silenciosa. É a recusa categórica em ceder às pressões externas, a afirmação inabalável da própria identidade em meio ao caos e à homogeneização. É a coragem de ser autêntico em um mar de conformidade. E que bom, que alívio imenso, quando finalmente percebemos, com clareza cristalina, que o amor-próprio, essa força vital e transformadora que reside em cada um de nós, não nasce no olhar do outro, na aprovação alheia, nos aplausos efêmeros da multidão ou na validação de terceiros. Ele nasce, e floresce com uma beleza indescritível, no nosso próprio olhar, na aceitação incondicional de quem somos, com todas as nossas luzes e sombras, com nossas forças e fraquezas, com nossas vitórias e nossas cicatrizes. É um espelho interno, que reflete a verdade mais profunda e bela de nossa existência, a essência divina que nos habita. E esse, sim, é o espelho que realmente importa, o único que tem o poder de nos libertar e nos guiar para uma vida plena e autêntica.

Essa jornada de autodescoberta e fortalecimento da autoestima não é um caminho linear, isento de obstáculos. Pelo contrário, é um processo contínuo, repleto de altos e baixos, de momentos de clareza e de recaídas. Haverá dias em que as velhas inseguranças tentarão se infiltrar novamente, sussurrando dúvidas e medos. Nesses momentos, é fundamental lembrar que a autoestima não é um estado permanente a ser alcançado, mas sim uma prática diária, um músculo que precisa ser exercitado e nutrido. É a capacidade de se perdoar pelos erros, de aprender com as falhas e de seguir em frente com renovada determinação. É a gentileza de se acolher nos momentos de fragilidade,

de reconhecer a própria humanidade e de se permitir ser imperfeito. É a sabedoria de buscar apoio quando necessário, de se cercar de pessoas que nos elevam e nos inspiram, e de se afastar daqueles que tentam nos diminuir ou nos aprisionar em suas próprias inseguranças.

A construção de uma autoestima sólida é um ato de amor-próprio que reverbera em todas as áreas da vida, transformando não apenas a forma como nos vemos, mas também a forma como interagimos com o mundo e como o mundo nos percebe. É a base para relacionamentos saudáveis, para o sucesso profissional e para uma vida plena e significativa. É a liberdade de ser quem realmente somos, sem máscaras ou disfarces, e de viver de acordo com nossos próprios valores e princípios. É a coragem de abraçar a própria singularidade e de celebrar a beleza da nossa individualidade. E, ao fazer isso, descobrimos que o espelho que importa não é aquele que reflete apenas a imagem externa, mas sim aquele que revela a luz interior, a força e a beleza que sempre estiveram lá, esperando para serem reconhecidas e celebradas.

Uma troca justa | Alicia Candido Ferreira

Há dias em que sair de casa parece uma tarefa quase impossível, mas aí noto que ficar pode ser bem pior. Nos últimos meses, não me lembro bem quanto tempo faz, as coisas tem andado bastante complicadas, queria ter uma fórmula mágica para fazer tudo voltar a ser como antes. Já houve um tempo em que dava para conversar na hora do jantar, hoje, isso não acontece mais.

Quando saí para a escola, pela manhã, vi minha mãe lavando a louça na pia, não consegui evitar de olhar seus olhos vermelhos, embora eu já soubesse que ela chorou a noite toda. Dá para ouvir do meu quarto. O pior de tudo é saber que sou eu o motivo da tristeza que está corroendo-a por dentro.

Em dias como esse imagino se ela ainda me ama como antes, ou se talvez o melhor para ela seria mesmo se eu sumisse. Não tenho ninguém com quem conversar sobre o que aconteceu, me pego a pensar qual seria a reação de minha vó se eu falasse com ela sobre isso, sobre os medos que sinto e os planos que venho fazendo. Embora imagine que ela já saiba de tudo e não venha falar comigo, talvez por falta de coragem ou talvez por não ter palavras suficientes para dizer; mas eu queria ouvi-las, queria alguém para conversar. Com minha mãe, é impossível, e nem é por ela, penso que se fosse só por ela, talvez fosse de boa, mas seu marido jamais permitiria que ela ficasse a meu favor depois de tudo.

Se em alguns dias as coisas são horríveis, em outros elas conseguem ser piores e hoje é um desses dias. Quando saí, minha mãe

virou-se rapidamente e sem me encarar, perguntou se eu iria sair sem comer alguma coisa. Respondi apenas que estava sem fome. Como explicar a ela, que tem um nó na minha garganta que mal me permite engolir o choro? Que meu estômago fica revirado cada vez que penso em tudo o que estamos vivendo? Ao sair tropeço em algo perto da porta, é a naninha da minha irmãzinha, o que me faz pensar no quanto tudo isso vai afetar a vida dela também, não só ela, mas os três menores que eu. Minha mãe sempre diz que nos criar é um fardo pesado demais, e agora com tudo isso, como eles ficarão? Me dói só de pensar, afinal só tenho 13 anos, como é possível uma garota de 13 anos ser responsável por arruinar o destino de seus irmãos?

Coloco a naninha no sofá e atravesso a porta. Pela rua reflito o quanto minha vida mudou e o quanto isso é ruim. Saudades do tempo em que minha maior preocupação era a nota da prova de matemática...

Planejo o que fazer depois da aula. Vou à casa da Julia. Lá posso, ao menos por um tempo, fingir que sou uma pessoa normal, enquanto penso numa solução para o meu caso, se é que existe uma solução. A Júlia é minha amiga desde a educação infantil, a mãe dela sempre diz que somos irmãs de outra vida. Contei a ela o que aconteceu. Ela ficou muito espantada, me abraçou e disse para eu chorar toda aquela tristeza. Mas não sei se ela acreditou em mim, ela tem a minha idade, não sei se no lugar dela, eu acreditaria.

O problema é que cada ideia que tenho me parece mais complicada que a outra. Como resolver isso? A única certeza que tenho é que não suporto mais como as coisas estão. Chegamos na casa da Júlia,

o almoço estava no fogão, comemos e fomos ver tv. Minha cabeça, como sempre nos últimos dias, a mil por hora. Estudamos um pouco e quando já era à tardinha, quase noite, voltei para casa. Minha mãe não me deixa dormir fora de casa. No caminho ia caminhando lentamente enquanto pensava em uma maneira de arrancar de dentro de mim aquela sensação, deve existir um remédio capaz de fazer sumir essa dor. Ao passar pela passarela uma ideia chegou de mansinho e ficou me rondando.

Parei lá no alto. E se?...

Naquele momento, pensei em tudo o que tinha acontecido naquele dia e nos que, dolorosamente, se foram. Pensei em como a vida nunca mais seria a mesma novamente. A ideia, insistente, voltava a me rondar. E se bastasse em um único impulso tudo mudar? Um instante para silenciar o caos? Não teria que dar explicações e a dor certamente sumiria.

Olhei para baixo, o chão parecia me chamar, era como se ele falasse diretamente ao meu coração, olhei ao redor, as luzes começavam a brilhar, fazendo a noite ficar linda, como naquele dia... fiquei um tempo relembrando aqueles momentos, acho que nunca os esquecerei, aquela voz me dizendo que se eu contasse algo para alguém, ficaria sem os dentes. Ainda sinto aquelas mãos suadas, nojentas, tirando minha roupa, depois aquela dor que parecia me rasgar por dentro. O que aconteceu em seguida foi tão assustador que nem consigo me lembrar dos detalhes, mas me lembro do grito de minha mãe, quando ela repentinamente entrou no meu quarto e se deparou com aquela cena. Naquele momento eu não tinha forças para falar nada, apenas abaixei a cabeça e desabei a

chorar. Ela começou a gritar comigo, perguntando como eu tinha coragem de fazer aquilo com ela, ele apenas deu as costas em silêncio e saiu, me deixando ali, parada, travada, sem voz para responder que eu não havia feito nada, mas que o marido dela é que havia me ameaçado, dito coisas que me deixavam apavorada, sem reação... me vesti aos prantos, ouvindo ela dizer o quanto eu tinha estragado a vida dela, do quanto eram felizes antes de eu estragar tudo e sobre o que ela faria agora, já que não dava mais para viver sob o mesmo teto com uma pessoa tão imunda quanto eu, e ela precisava dele, afinal tinha meus irmãos pequenos para sustentar e ele era o provedor da casa. Será que ela se lembrava da minha idade? Eu ainda era uma criança, ou não? Ainda me pergunto isso. Mas minha mãe falava com uma amargura na voz que eu era capaz de sentir. E agora? Preciso descobrir como continuar vivendo com tudo isso.

Olhei novamente o brilho dos faróis lá embaixo, tão bonitos... lembrei de todos os sonhos que ainda não realizei, na minha mãe submissa com sua felicidade superficial, meus irmãos tão pequenos, tão dependentes de tudo, pobres crianças inocentes que não entendiam nada do que se passava, imaginei o quanto cada escolha que eu fizesse poderia impactar a vida deles. Procurei uma abertura na grade de proteção, fechei os olhos e meu corpo rompeu o ar, com a leveza de quem enfim solta o peso que carregava. Aquela solução me parecia uma troca bastante justa... agora minha mãe não precisava mais escolher um lado, poderia seguir sua vidinha sem se preocupar com a minha incômoda presença...

O chão frio toca meu corpo e aquela dor já não me aflige mais.

Estamos quites.

Ao último homem que amei | Alicia Candido Ferreira

Eu sei que prometi não te procurar, mas restaram palavras que precisam ganhar o mundo. É um jeito estranho de recomeçar um diálogo, eu sei. Hoje, depois de tudo o que se passou, parei para analisar os últimos dias e senti a necessidade inevitável de te escrever.

Não pense que vou suplicar para que volte ou tentar justificar cada palavra dita naquele dia. O que eu quero, na verdade, é que você saiba o lugar que ocupa — e sempre ocupará — na minha vida. Acredito que já te disse isso antes, mas aqui vai mais uma vez: quando você chegou, minha vida era um daqueles dias cinzentos em que a gente duvida que o sol vá aparecer. Eu precisava de uma razão para continuar e, curiosamente, você se tornou essa razão.

Houve dias em que me perguntei se aquilo era real. Talvez pela estranheza de nunca ter vivido um amor com tamanha intensidade. Quando você chegou, ignorando meus defeitos, confesso que me assustei; mas logo me acostumei com o conforto de me sentir amada.

Às vezes me perco tentando entender onde foi que nós nos perdemos. Talvez na correria do cotidiano, na urgência de uma vida que sempre exige demais, ou na fluidez de sentimentos que buscam incessantemente pela novidade. Deixei de ser novidade para você, eu sei. Mas, para mim, você continuou sendo a lanterna, o farol que indicava o caminho. Com você, descobri que era possível recomeçar, mesmo após o vendaval que não deixa nada no lugar.

Quando aquela porta se fechou e você se foi sem olhar para trás,

aquele mesmo vendaval destruiu o meu mundo. Passo os dias imaginando se você sente minha falta, se cogita voltar. No silêncio dos meus pensamentos, não consigo te ver seguindo a vida sem mim. Algo aqui dentro insiste em dizer que um dia você vai acordar e perceber que o que vivemos não pode acabar assim.

No entanto, essa mesma voz sussurra que tudo pode ter sido uma ilusão. Viver o que eu sempre sonhei parecia bom demais para ser verdade; talvez por isso a vida tenha te afastado de mim. Ou talvez não tenha sido a vida, mas outros olhares, outras paixões.

Gostaria que soubesse que, se um dia você acordar com vontade de regressar, eu ainda estarei aqui. Ainda sou aquela mesma menina que te amou, apenas um pouco mais cansada e com alguns cabelos brancos a mais — afinal, a vida segue, mesmo quando não estamos prontos.

Se decidir voltar, lembre-se das minhas flores favoritas. Deixe que elas falem por você.

Acho que sou um autista | Otacílio Pinto de Carvalho

Jamais me considerei um ser humano normal – o que é um ser humano normal?! Não sei. Uma coisa eu sei: tenho medo de gente. Desde ainda muito pequeno. Notadamente de gente extrovertida. Tenho pavor de estar em multidões, como em estádios de futebol. Em dia de grandes jogos, aquela gente toda gritando me apavora. Para viver em sociedade, aprendi cedo que nela o ser humano desempenha os mais diversos papéis. Assim como os atores fazem no teatro e no cinema. Assim pude desempenhar o papel de professor, ensinando a matéria aos meus alunos. O papal de filho, compreendendo meus sofridos pais. Que Deus os tenha hoje e sempre em um bom lugar. A mim, eles ensinaram a fazer escolhas. O papal de irmão dos outros seis vivos que tive, todos nós filhos do mesmo pai e da mesma mãe. O de marido, meio sem graça, da mulher que amo. O de pai de meus três filhos, meus descendentes, e mais recentemente desempenho o papel de avô de meus, por hora, dois netinhos. Foi consciente de estar desempenhando papéis no teatro da vida que pude sobreviver a tudo o que vivi. Tudo de bom e de ruim. Eu sei, nunca foi uma atuação tranquila minha exposição à frente de outros ou imerso em aglomerações. Sempre necessitei superar o meu medo de gente. É sempre uma luta insana a minha, na interação e na conexão com outras pessoas.

Tenho a consciência de que jamais tive amigos. Não por culpa dos outros. Não tenho amigos unicamente por eu não gostar de ter gente colada em mim. Aqueles próximos a mim sempre foram apenas colegas. Uns de infância, outros de trabalho e de luta. Hoje eu os considero verdadeiros anjos.

Sempre preferi e desejei a solidão. E na solidão, os livros – meus verdadeiros amigos! Também foi na solidão desejada que o álcool surgiu talvez como uma fuga do mundo. E assim, fugindo do mundo, eu me declaro uma fraude. Adoro atividades que exigem o silêncio para a sua execução. Em verdade, digo e confirmo o que digo, a palavra ela é maravilhosa! O ser humano teria enormes dificuldades para conviver em sociedade se não tivesse a palavra como instrumento de mediação. Mas é inabalável a consciência em mim de que a palavra sem a razão é vazia de sentido e fere, às vezes mortalmente, a sensibilidade humana. Minha preferência é pelas ações silenciosas. Como dizem por aí, que a mão direita não saiba o que faz a mão esquerda. Por tudo isso, acho que jamais terei a certeza se, durante todos esses anos, eu realmente vivi ou apenas existi.

À noite, frequentemente, tenho sonhos aterrorizantes. Todos eles repletos de muita atribulação. É quando meus demônios avançam sobre mim! Como feras, eles me cercam e me atormentam. Não me deixando dormir em paz. Intrigante! Em meus sonhos, estou sempre perdido e jamais chego ao destino a que me propus chegar. Também não consigo retornar ao ponto de onde parti. É tudo muito surreal! Uma característica aterrorizante que muito me assusta é o fato de estar permanentemente em situações vexatórias - descalço nas ruas lotadas de gente, vestindo apenas *short* e sem dinheiro para tomar uma condução de volta para casa. É horrível!... Acho mesmo que a minha convivência no Universo diz que, na vida, eu olhei para o abismo e o abismo olhou para mim. E fica claro que eu e o abismo gostamos do que vimos um no outro.

Acredito que o meu desejo de permanente solidão e a necessidade de convivência exigida pelo grupo social são causas de grande perturbação em minha saúde mental. Até porque sei que o ser humano é um animal social, que não sobrevive sozinho.

Consciente de tudo o que de bom e de ruim acontece na vida, eu não questiono a presença de Deus; em verdade, questiono a sua ausência.

Pesadelo | Bruna Machado da Rocha

Úrsula, de nome forte, apresentava comportamento como a profundidade da entonação de seu vulgo. Era uma menina como muitas outras, e pelos seus treze, catorze anos só queria saber de brincar de salada mista e verdade-consequência com as amigas e os amigos do beco em que moravam.

Tinha vezes que brincavam de outras coisas, como encenar assaltos, trolar amigos, futebol, pique bandeira, enrolar cigarros falsos e contar mentiras. Os meninos eram os piores... como eram mentirosos. Se tudo o que dissessem fosse verídico, eles já teriam mais de cinco ISTs. Uma insanidade maior que a outra. Brincavam de abrir a janela do vizinho com a cabeça do pau, direto de suas casas, para realçar o tamanho daquilo que não se tinha e da pouca vergonha. Coisas de criança.

As meninas se preocupavam em ensaiar coreografias de seus artistas favoritos, fofocar sobre seus sentimentos joviais e, de vez ou outra, julgar uma concorrente (sabe lá de quê) pelos seus feitos que, se pudessem, teriam feito de modo ainda mais pervertido.

Mas assim era a rotina do Beco do Adaum, uma das vielas batizadas com o nome de um antigo morador. E apesar de beco, não era tão estreito quanto se pensa, chegava a passar um único carro por vez, desde que o motorista arriscasse seus pneus nos tampa-esgoto rústicos. Já as motos eram o tempo todo, sempre interrompendo uma de nossas brincadeiras, ou lembrando as mães do horário com barulho ainda mais irritante à noite, expulsando os mais jovens do seu lazer de rua.

Certo dia, Úrsula foi brincar com Nandinha, sua melhor amiga de beco, vizinha de parede. Estavam assistindo performances musicais enquanto penteavam o cabelo uma da outra. Quando se empolgavam, reproduziram os passos dos artistas da TV. Fofocas e pipocas, alegria dessas meninas. Nesta data, foram tão eufóricas em suas brincadeiras, pularam e cantaram tanto... e sem perceber, como crianças que eram, mergulharam em um sono profundo no horário da novela das sete. A mãe de Úrsula, dona Altupina, só foi dar falta da filha depois da novela das nova. Afinal, tinha muitas crianças para cuidar e Úrsula, apesar de sonsa, tinha a confiança de sua mãe, que sabia que sua filha era ainda muito virgem de vida, mas inteligente e sagaz.

Por volta das 10h da noite, dona Altupina se preocupou demais, algo não estava certo, Úrsula já teria voltado pra casa. Aposto que essa garota tá de putaria com alguém - bravejou para as paredes da sala. Com os filhos jantados e prestes a dormir, Altupina se viu obrigada a fazer alguma coisa. Desceu, foi até as vizinhas de frente que fumavam o derradeiro do dia e perguntou do paradeiro de sua filha, mas não souberam dizer. Já tarde, teve que procurar pelas vielas da favela. Andou, girou, foi até às lanchonetes ainda em funcionamento, na quadra do fundão, na praça do bairro, fora da favela, e nada de Úrsula. A raiva Altupina pela filha com tão malcriação foi substituída pelo terror, pelos piores pensamentos: sequestro, abuso, morte. Foi então que decidiu ir até os caras da boca de fumo. Explicou a situação, disse que não via a filha desde às 4h da tarde e que Úrsula usava um vestido laranja e verde. E entre controlar a fala e os gritos repentinos de desespero pela desinformação de sua filha, um dos traficantes pedia calma à dona. Mas o que podiam fazer? Garantiram que

ficariam de olho na descrição passada e que qualquer atividade suspeita de violência na favela contra criança não ia ter conversa, alguém teria que ficar de exemplo.

Durante todo esse caos, no meio da madrugada, Úrsula acorda de seu sono profundo e percebe que perdeu a hora na casa da amiga-vizinha-preferida. Rapidamente, desceu as escadas de lá e subiu as suas ao lado. Ao chegar na sala, um de seus irmãos, ainda acordado, pergunta num tom indignado por onde Úrsula estava. Ela, leve como uma criança sem pecados, disse brevemente a verdade. Seu irmão já a condena: mamãe vai te matar!

A filha perdida ficou da janela, na esperança de demonstrar o mais rápido possível para sua mãe que, viraria do beco a qualquer momento, sua segurança em casa.

Eis que dona Altupina virou no beco alguns minutos depois. E chorando, só olhou para cima, para a janela do segundo andar perto da porta de entrada. Viu o sorriso sereno de Úrsula, que acena suavemente. Do medo agoniante, a mãe passou a sentir uma raiva furiosa, maior que a anterior. Subiu as escadas pensando em todos os lugares por onde procurou Úrsula e só se questionava a cada degrau: onde estava essa garota? Com rugidos.

Até que dona Altupina olhou no fundo dos olhos de sua filha mais velha, que nunca tinha desafiado seu coração de tal modo, que servia até então brilhantemente de exemplo para seus irmãos. Olhou tão profundamente que Úrsula demorou pouco para perceber a ira de sua mãe. Foi a única vez que Altupina bateu em Úrsula, foram dois tapas na perna, com chinelo. Rugia de raiva, gritando que sua filha queria deixar ela

maluca. Como podia ter feito isso com sua mãe, com o coração de sua mãe.

Úrsula chorou, como uma criança. Mas no fundo, tinha a sensação de que tinha dado mole. Poderia ter voltado antes para casa. Poderia ter dado um aviso breve. Poderia deixar um bilhete. Poderia estar atenta ao horário. “Mas como, se eu estava dormindo?”, buscava para se aliviar da culpa.

A vida seguiu normal e parece que ambas aprenderam muito com o episódio.

Espiar-se | Pedro Sérgio Vieira Martins

Saí cedo de casa para me juntar à excursão a uma cachoeira. Os participantes da trilha se reuniram em uma praça no Centro da cidade e juntos tomamos um ônibus e pegamos a Br levando nossas mochilas, roupas leves, frutas e água como a guia tinha indicado. Alguns têm sapatilhas de trilha e câmeras fotográficas profissionais, pareciam acostumados enquanto eu fazia algo desse tipo no máximo uma vez por ano. Eu tinha esperado a estação adequada para visitar a cachoeira para não encontrá-la seca ou com água demais. Apesar de não fazer tantas aventuras, eu gosto de Cachoeira e a minha preferida é a Cachoeira Preciosa, em Alenquer. Mas dessa vez estava indo para Rurópolis, onde a BR-163 e a Transamazônica se cruzam. Lá, os braços do Rio Cupari se estendem em pedras e quedas d'água rodeadas de árvores enormes de folhas largas. Talvez seja esse o melhor atributo delas que, diferente das cachoeiras das chapadas, surgem como fendas na mata densa.

No caminho, eu espiava pela janela que às beiradas da rodovia se alargavam mais do que eu costumava ver. E eu me perguntava "O que será que vai ser aqui?". Paramos para um café preto coado com bastante açúcar e pão de queijo que acabava de sair do forno. Comentei, à mesa, que tinha conhecido algumas cachoeiras por ali, mas que não era muito fã de trilha. Os colegas comentaram sobre o arvorismo, o rapel e tantas atividades que eu estava conhecendo. Naquela região tão visitada por gente de tudo quanto é lugar do mundo, se falava pouco de turismo para as cachoeiras, que não eram só corredeiras, onde os pedrais aparecem somente no verão, mas também cascastas e quedas d'água com mais de

30 metros.

Quando chegamos ao pé da cachoeira ela já estava tomada por visitantes. O passeio foi como outro qualquer, apenas um passeio. Subiram drones, fizeram muitas fotos com saídas de banho em poses sobre as pedras. Para os mais animados, cerveja. Fiquei posicionado para que a água batesse nos ombros e ali permaneci por um tempo. Foi o que contei a uma colega enquanto escrevíamos uma carta em defesa dos territórios da Amazônia a ser assinada por coletivos. Ela, agricultora e liderança há anos, me falava dos roçados, travessias, da produção, da cobra que quase picou sua perna e do lazer no igarapé. Revisamos o texto duas ou três vezes entre assuntos aleatórios. Para fecharmos o texto, ela me disse que se perdia com o ponto parágrafo. Escrevia sem pausas e se angustiava. Eu achei que poderia ajudar, mas avisei que tinha problemas sérios com vírgulas; se era pra usar uma, duas ou nenhuma. Em geral, se faz "nota", mas avaliamos que "Carta" era melhor, na carta a gente reclama, mas fala do que é bom e escreve para ser correspondido. E ela ainda me perguntou "Quem está construindo mais um porto na cidade?" E listamos as empresas nominalmente na Carta. Decidimos que iríamos pedir uma leitura final para uma terceira pessoa antes da aprovação. Já tínhamos os dados estatísticos da população, dados de desmatamento, o objetivo da carta bem colocado, o endereçamento para as autoridades, lembrando de usar "Ilustríssimo" em vez de "Excelentíssimo" e um fechamento bem amarrado pronto para as redes sociais.

Depois da escrita e de uns goles de café, ela me deu algumas laranjas do sítio e seguimos, eu de volta para a frente do computador, ela para a sua comunidade organizar os produtos para a feira. Naquele lugar,

entre praias de rio e igarapés, eu vivia como se cada localidade me encantasse. Ela vivia um só encanto que se estendia sem fragmentações, sem cercas. Para chegar em casa eu atravessava a cidade, eram longos 15 minutos. Meu bairro era um canteiro de obras. A cidade que tinha se espraiado - no sentido literal do termo, pois alargou-se pelas praias - agora se verticalizava. Amigos que visitam a região e partem para as pousadas, logo que chegam costumam me perguntar "Quem mora nesses prédios?" Até hoje eu não sei dizer ao certo, alguns dizem serem os sojeiros. Agora os caminhões que tomam a cidade não são só de grãos, mas de materiais para erguer esses prédios. Galpões não faltam por aqui. Um vizinho fez galpão em vez de kitnets. Ele dizia que dava menos dor de cabeça.

Passada uma semana nos encontramos de novo, em meio a uma passeata. Dessa vez, ela me contou que dias atrás havia levado uma jornalista para conhecer as histórias e as praias do seu território. Depois de entrevistas para texto e podcast, tomaram o barco na beira, desenrolaram as redes quando os fogos anunciaram a chegada da embarcação, lotada de presentes, mercadorias e panfletos para distribuir. Aproveitaram bem e até fizeram piracaia. Viram tartarugas no lago e ouviram causos nas casas dos vizinhos. Ela faz trilha como quem vai comprar pão, se gaba pra mim, que no meio do caminho já demonstrava sinais de cansaço. Ela me mostrou as fotos no celular. Eu comentei que as fotos do pôr-do-sol ficaram lindas. Reclamamos do aumento dos preços, da dificuldade de chegar na cidade e dos acidentes nas rodovias. Tínhamos nossos motivos para concluirmos como fazem as águas. Saímos da de uma praça em direção ao porto da cidade. Quem passava pela manifestação se

perguntava “Quando vão ouvi-los?”

POESIAS



Isso não é sobre animais | Bruna Eduarda Fernandes Pereira

I) A coruja-bolha

Havia uma coruja com uma bolha dentro de si.
Invisível aos outros, mas densa o suficiente para ocupar todo o galho.

Durante a noite, ela observava.
O mundo girava abaixo, barulhento demais para ouvi-la.
Tentava abrir as asas, mas a bolha envolvia penas, bico e respiração.

Não tinha medo do voo.
Era o peso de tudo o que via e nunca dizia.

Quando o dia chegava,
ela permanecia imóvel,
olhos abertos,
esperando que alguém percebesse
o volume invisível ao redor de si.

II) A preguiça de olhos caídos os mantém abertos

Para uma preguiça é normal sentir os olhos pesados independentemente do horário, mas não aquela preguiça em especial.

Seus olhos são caídos, como os de todas as preguiças. Mas curiosamente, essa preguiça esquisita mantém seus grandes olhos abertos se recusando a ceder e perder para a escuridão que há no sono.

Um sono que é inevitável e atinge a todas as preguiças, mas nenhuma delas parece ter forças o suficiente para tentar evitar esse destino.

Dias e dias se passaram, estações mudaram, flores nasceram e murcharam e lá estava ela, com seus olhos abertos olhando o horizonte e se deparando com a neve.

Nunca tinha visto aquela superfície branca porque passou a vida toda com os olhos fechados. Esse era o tipo de coisa que ela só ouvia falar e era quase como algo inventado, mas ali estava tão branca e fria como poderia ser.

Naquele instante, seus olhos pesaram como de costume, mas dessa vez, se sentia leve o suficiente para se permitir (e ela por fim cedeu).

A preguiça de olhos caídos os mantém abertos a tempo demais e está na hora de fechá-los, mas isso não precisa ser algo ruim.

Viu a neve, o amanhecer e o anoitecer dia após dia, até perder as contas e no final, tudo valeu a pena.

III) Sinto muito, mas essa lagarta não se torna uma borboleta

Há pouco tempo atrás, havia uma pequena lagarta se alimentando de uma folha já velha e ressecada, mas quem se importa? Ela já se alimentou de coisas piores e não tem nada pior do que não comer.

A vida da lagarta tem sido assim desde que era uma pequena lagartinha: se contentava com pouco e ainda se sentia muito grata por isso. Ela aprendeu muito cedo que, quanto mais útil fosse, mais as borboletas gostariam dela, mas a que custo?

Esse tempo todo, a lagarta só sente seu corpo muito pesado de carregar tantas pedras para os outros, e são tantas e tantas que a deixam fraca e sem forças, quase como uma lagartinha recém-nascida, frágil e indefesa.

A lagarta tem se preparado e sonhado, dia após dia, no momento em que se tornaria uma borboleta como todo mundo, mas esse dia nunca vem (ele nunca virá), mas ela não sabe disso e, como sempre, continua esperando e desejando com todas as suas forças a realização de seu desejo.

Eu acho que sentiria muito por ela, mas a lagarta nem percebe que não é igual às borboletas porque ela não é do mesmo tipo. Ela é só uma lagarta comum (nem todas são borboletas), mas ela vive nessa ilusão, e quem vai tirá-la? Não farei isso; ela continuará a sonhar e se dedicar por algo que não virá.

Sinto muito, mas essa lagarta não se torna uma borboleta, não porque ela não tenha todos os atributos para ser uma, mas falta o principal: ela não vê as asas dentro de si, porque a fragilidade de seu corpo não permite formar um casulo (não enquanto ela dedicar todas as suas energias para as borboletas), mas, como disse, ela não sabe (ela nunca sabe), e o tempo vai passando, e as estações mudando, e tudo permanece.

IV) O camaleão mudou demais (quem ele é?)

Em um glorioso jardim, um camaleão se desloca.
As cores estão mudando em todo lugar que toca.
Azul como o céu iluminado pela estrela, os dias em um mar de tristeza.
Rosa do amor que se transforma em dor.
Vermelho é tudo o que vejo no reflexo d'alma no espelho.
Amarelo para que não esqueça do que é belo.
Nessa transição, eu me perco nessa doce/dolorosa canção.
Quem já fui ou quem serei, só sei que mais um dia viverei e sabe Deus quem me tornarei.
Nessa estrada da vida e com tudo o que se lida.
Sigo mudando e talvez isso seja tudo o que é preciso para viver no mundo.

Éfeso | Arhon Inacio dos Santos

I. Mãos

o menino segura seu Sexo

quente e brilhante como palmeira efésia

ao sol. dilacerado, grita:

há um só corpo e um só

espírito, que somos eu e tu—

humildes e mansos;

e tu junto a mim

e eu junto a ti—

rasga aberto o Peito destroçado

e ouve pulsar dentro ali o roto amargurado

coração; um último deus orgiástico e privado

masturba-se de olhos vendados:

[rasga aberto o estômago desossado

e ouve pulsar ali dentro o Sexo

com o sexo dentro].

vêem-se suas lágrimas

ontem ainda onda quebrando onda

onde antes—muito antes—nada.

pobre Diabo,

deita fora a força que chama de tua,

engole o tempo esperançoso

e ouve o fogo,

que crepita—

fora de Éfeso,

chamam-no.

tornam-se, o deus e Ele

um—e o segundo se alimenta do primeiro

e sorri à meia luz.

mas à areia, quando a quentura ultrapassa

os limites do não dito...,

pobre Diabo,

sua mão se esquece que é sua,

toma forma avessa à fuga

e se perde

de si.

II. Súplica

se se concentra,

ama-me, então. com toda a força

do possível,

deseja-me, Absalão,

sangra-me o sangue espesso

e te banqueteia comigo, para que

meu corpo seja teu: e eu seja todo

teu corpo avesso;

transpassa-me tu os três dardos,

astucioso inexperiente, dono de árduo

corpo—esbranquiçado de vento,

deita-se sob as pedras—sonolento!

fotografo-te, e ainda é amor:

o rio que margeia teu belo cenho

afoga-me as Memórias—

mas não te esqueço;

Atravessamentos de minha memória | Kellen Oliveira

O sino da igreja insiste em bater,
anunciando o novo dia nascer.
Na velha casa de madeira,
escuta-se o ranger de punhos da rede.

Bicho cisca no chão, vida eclode da terra.
Latidos espalhados são conduzidos pelo vento.
Galinhas, patos e perus pulam do mato.
Os gatos apenas observam no telhado.

O passaredo atravessa o azul do céu para o verde da mata,
na copa das árvores dizem: “O dia raiou outra vez!”
Do lado de dentro da cerca, uma infância sonhadora.
Na simplicidade, uma rotina feliz.

No verde se estabelecia a cor do mundo!
Ingenuidade era o preço a se pagar por uma vida sem dor.
A infância era feita de um tecido de sonhos e risos.

Mas do lado de fora, a vigilância constante.
O homem passa e repara. Não vê a nossa juventude.
Seu olhar transforma a menina em um alvo de ganância,
vira prisioneiro de seu prazer doentio.

A realidade abominável da pequena ilha transita.
Os peregrinos vão à procura de um lar.
Na cinzenta cidade grande tudo retorna.
Quantos casos semelhantes? Quantas dores repercutem?

Um choro surge e ninguém ouve.
Enquanto o mundo ri,

a mão abafa o assovio do pássaro que tenta voar,
estrangulam o bicho, cortam suas asas e cobrem seus olhos.
Transvestido de sua forma antiga, não se reconhece mais...

O presente tenta acolher a criança interna,
o peito aperta, e o passado diz:
“Menina, não ceda às angústias das violências sofridas.
Enquanto cortam as tuas asas, lembre-se de tuas pernas para correr!
Faça-se ouvir neste solo infértil.”

“Não escute a voz que manifesta:
‘Seja boazinha, que tudo vai ficar bem...’
O que é ser bom? O que é ser mau?
Por que seguir esta regra social?
É por essa vida que a gente vem ao mundo?”

Ósmio | Amanda Rebeca Pinto Marambaia, Leopoldo Vaz Eustáquio

Retocávamos o mundo.

Arte.

Ritos.

Bailes.

Outras gravidades.

Um encontro

entornava o universo.

Depois,

o ósmio.

O que se expele

aprofunda.

Há uma imoralidade

em sobreviver

aquém da intensidade.

E o tempo pesa —

sagrado

como aqueles olhos

dos quais nunca voltei.

Emergências | Rudimar Sodré Alves

O mundo clama, em um grito mudo,
Em cada canto, o peso do absurdo.
Emergências de todos os lados,
No Brasil, no globo, estamos entrelaçados.

O mundo em chamas, no céu, um alerta,
As águas subindo, os ventos da guerra.
De cada canto ecoa um grito, mas, afinal, o que nos resta?

Resta o silêncio da desilusão,
Que nada mais é que uma emergência diária
De um amanhã incerto, em aproximação.

As chamas tomam florestas inteiras,
O ar respira a fumaça das fronteiras,
A fome, a seca, o medo e a aflição,
Onde estão as mãos que podem aplacar essa pressão?

A política se enreda em promessas vãs,
Enquanto a saúde se arrasta em suas manhãs.
A humanidade clama por justiça e dignidade,
Mas a guerra pela sobrevivência é a realidade.

E o mundo segue em sua correria,
Na luta contra as dificuldades, o dia a dia.

Os sons de sirenes, as telas que não desligam,
As emergências do mundo moderno que nos acompanham,
Nos fazendo pensar “apenas sigam”.

Mas, entre as sombras da desesperança,
Há aquele que não para, que avança.
Na solidariedade, na força de lutar,
Fazendo da emergência um “verbo” a se praticar.

Que possamos emergir do caos e da dor,

Construir juntos um futuro melhor.
Pois, apesar das feridas que o mundo expõe,
É na união que o coração se compõe,
E, então, mostramos nosso melhor.

O clima a tempos se revolta, a terra, o céu,
Um reflexo de um mal que é nosso, cruel.

Entretanto, o futuro é urgente, o agora é aflito, um grito,
Na busca por um amanhã incerto,
Onde cada gesto, cada ato, cada emergência se torna um rito.

Alguma ausência | Marcelo Calderari Miguel

Pediram meu retrato, queriam minha moldura,
mas nomear não é neutro: é fronteira e censura.
Antes da estante erguida, há recusa escondida,
antes da ordem escrita, há memória partida.
Toda lista começa na ausência que perdura.

Uns guardam acervos vastos, outros só vestígios,
meu patrimônio inicial foi perder privilégios.
Indexei silêncios, registrei apagamentos,
até notar que a fome também cria inventos:
distribui o futuro conforme seus registros.

Disseram: comunica. Depois: organiza.
Mas quem governa a língua? Quem dita a divisa?
Todo índice aproxima, mas também distancia,
cada palavra ilumina e projeta ignorância.
Nomear é decidir quem respira na brisa.

O bibliotecário guarda o fio da memória,
o arquivista enfrenta erosão sem vitória,
o museólogo indaga quem ficou sem vitrine,
entre caixas e estantes, o poder se define:
restaura versões frágeis, desmonta toda história.

Chamam mérito a herança sem memória viva,
chamam talento o privilégio que se cultiva.
A largada nunca conheceu igualdade:
uns recebem caminhos, outros só disparidade,
depois chamam destino aquilo que foi medida.

Disseram: chegaste tarde. Sorri em silêncio.
O relógio não cabe no pulso sem vencimento.
Uns contam horas, outros contam distâncias,
toda demora tem engenheiro nas instâncias,
toda pressa nasce do privilégio sedento.

Quando a ciência ergueu o fôlego do mundo,
mediram seu preço, esqueceram seu fundo.
Cortaram raízes para colher o futuro,
quem reduz o saber ergue o muro mais duro:
ignorância também governa em tom profundo.

A História não perde seus papéis mais antigos,
perde primeiro leitores, silencia seus amigos.
Toda memória disputa o direito de existir,
todo silêncio aprende a fingir e persistir,
o esquecimento escreve com múltiplos abrigos.

Entrei na biblioteca buscando respostas,
saí lendo perguntas nas margens dispostas.
Nenhuma estante repousa fora da escolha,
todo acervo revela o que protege e acolha,
alguma ausência denuncia as vozes impostas.

Hoje entendo por que pediram currículo:
não quem fui, mas onde caberia o vínculo.
Recusei prateleira, desfiz a etiqueta,
porque classificar não é só gaveta:
é destino que pesa, silêncio que repleta,
é memória que arde, futuro que acarreta.

Desordem | Valdeir Oliveira Prestes

A desordem do destino
colou você no meu redemoinho,
prestes a escutar o estrondo dos trovões
que relampejam do lado de fora.

Expressam um desenho,
como raízes do ipê pelo céu.
Segundos depois, somem...

Pingos da goteira
enchem um balde
para o reaproveitamento do resto.
O resto que podemos usar
e significar tudo.

Ó sábio ignorante,
aquele que diz saber
a totalidade do mundo.

Desordem, desordem, desordem...
grita uma multidão vinda do fundo,
avassalam com suas foices.

Que dia cheio de desordem!

Desde a ordem da natureza em si

até as que sacodem a poeira humana...

Desordem, desordem...

escuto gritos que chegam

para demolir a ordem.

Chovia forte | Rafaela Neves Alves da Silva Medeiros

Descalça na beira da praia passou,
pés encharcados de areia.
Chorava por um amor que acabou,
o sangue pulsava na veia.

Era noite,
chovia forte.
Avistava o mar se exaltar.

Desejou ser forte,
contou com a sorte,
Ansiou em mar se lavar.

Com semblante
tão sofrido,
quanta tristeza em seu olhar!

Em alguém que era tão querido,
só desamor
foi encontrar.

Chorava por um amor perdido;
tantas lágrimas no olhar.
E, com caminho indecidido,

em sua vida foi pensar.

Lembranças na memória;
eram tantas recordações...
Era tão linda a história,
mas encharcou-se de decepções.

Chovia forte,
a maré mais forte.
as lágrimas frágeis perto do mar.

E, depois daquele banho,
lavou sua alma
Para que nenhum amor estranho
pudesse mais te machucar.

Chovia forte,
a maré mais forte.
E ela mais forte ainda.

Navego | Suilany Santos

Navego na possibilidade de possuir-te

Navego na escuridão de te querer

Por quanto tempo fingirás cegueira ?

Sabes que estás diante daquela que te anseia

Enquanto leio, teu sorriso surge nas páginas

Amedrontador, opressor e avassalador

A escuridão de teus olhos chama-me para o risco

Arrisco tudo que até aqui tentei levantar

Divago em minha vil imaginação

Naquilo que foi possibilidade, nós

Vítima dos meus desejos

Tão sublime quanto a mente, são os universos que teci com nossos corpos

Meus pensamentos nada mais são do que meus

O desejo que me sufoca

Sucumbi em mim

Lançar-me-ei no mundo em que nossos dedos deleitam-se entrelaçados.

Até quando...

As hostis amarras me impediram de possuir-te por inteiro?

Anelo-te

Vem...

Transcende minha mente

I Conveniente esquecimento

Apagam becos, mas a travessa grava,
somam cofres, subtraem gente;
o grito vira cinza nos corredores,
e a cinza assina o branco da parede,
miséria veste a carne que desmente.

Cúpulas limpam praças com apagão,
rasuram nomes, rasgam certidões;
arquivam rostos, mofam testemunhos,
traduzem vidas em secas versões,
e a fome mastiga nobres intenções.

Conveniente é negar quem se levanta,
inconveniente é ouvir quem não se cala;
a rua, sem elenco, encena o corpo,
cada pedra guarda corte, voz e fala,
e a história sangra a mão que a rascunha.

No fim, a fria cifra dita a pena:
pena de lei, pena de asa e escrita;
uns viram pó, outros viram moeda,
mas o pó também conhece quem o pisa,
e o marginal, na margem, se redita.

O poder se absolve na água que o incrimina,
lava as mãos, mas não lava a nascente;
quem tentou apagar a carne viva
fica escrito na ferida da gente:
esquecimento nenhum enterra semente.

II E se faltar amor

Na míngua do afeto, governa a chancela,
sela-se a cela com lúcida razão;
o carimbo, sem culpa, consagra a sequela,
a regra veste toga; a fome, sermão;
pisa feridas, proclama cuidado,
serve jejum em bandeja de pão.

Sem ternura, florescem cadastros:
índices íntimos, pública desgraça;
o juiz, surdo, sentencia rastros,
decreta despejos com luva de graça;
a cota reparte o humano; o arquivo, o destino,
e o Estado enumera pranto sem praça.

Quando falha, a fenda pensa sozinha:
quem pesa a dor desconhece seu centro;
na mente atípica, o mundo desalinha,
a norma mede a margem; o corpo, por dentro;
a dor que dá dó desafina o cálculo,
e a rua unge os ninguéns sem templo.

Se faltar amor, sobra a conta assinada,
saldo sem rosto, recibo sem chão;
a lei lava a culpa na água parada,
mas não limpa o nome da própria omissão;
quem nasce sem colo aprende a ser mundo,
e funda no abandono outra multidão.

III Engrenagens dessa miséria

As engrenagens moem promessas,
mastigam sonhos, metabolizam esperanças;
cada dente da roda é boca faminta,
cada giro gera juros e penúrias,
cada ruído recolhe um rugido,
cada óleo reluz no sumiço dos invisíveis,
e cada avanço anuncia o recuo que financia.

A máquina não para, é polida e faminta,
lubrificada em lágrimas e boletos;
projeta futuros que vencem na partida,
redige contratos sem mão nem afeto,
imprime cifras, comprime destinos,
sorri ferrugem por dentro do progresso,
e vende cura à febre que cultiva.

O engenheiro da miséria é meticuloso:
mede minutos, remedeia migalhas,
transforma sarjetas em pastas numeradas;
converte vidas em gráficos dóceis,

batiza a exclusão de ordem social,
chama ruína de obra em desenvolvimento,
e faz da exceção a regra do regulamento.

E nós, peças gastas da engrenagem,
aprendemos a rir da própria ferrugem;
o pão ausente vira provérbio amargo,
a mesa vazia, etiqueta de banquete,
o futuro negado, dívida com vencimento,
a dor que dá dó desafina o cálculo,
e o defeito, desfeito, desmonta a máquina.

Oleannas | Helloísa Karoline

I

Sob a cartografia da intimidade,
o céu ardia em cem sóis
imerso no teu refúgio de algodão.
O mar vagava
voz de anjos ausentes.

Na exaltação do sol, se consumia:
fragmentos de silêncio,
urgência de mar e terra.
Como um barco atrás do vento,
ergue-se a imagem ardente e nua
de quem ousa habitar o próprio abismo.

Para quem vive e canta nau tempo,
o mormaço enrola o ar e os lençóis,
tecendo teias febris
sob um céu de carbono,
que a praia não trouxe
aos teus pés de roucas casas.

Pelo caminho de areia,
Ressoa a antiga dor de corais a cantar.

E no fogo da tarde em suspenso,
escorrem rios de palidez.

E, no fundo dos teus olhos,
persiste o rumor
da esgarça estrada, cujas asas
contêm todo o vento do espaço.

II

No cume do mundo que traças,
despojada de rumo e desprovida de ser,
onde a luz de um dia esculpe o delírio,
e a água que desce a montanha
é o mesmo instinto que devasta e nutre a carne.

E tu clamas ao vasto sol:
carcaça de penumbra, Oleannas!
Ergue-se então a figura,
nítida e cruel como uma sombra branca,
lembrando-te que o desejo é,
afinal, um exílio sem porto.

Ao voo cego das aves,
cinza de um corpo esvaído
de qualquer sentido.

Altas marés, rumor familiar,
na úmida extensão da tarde,
sibilas no vazio como fogo de sal.

Da destruição feita pelo homem
nenhuma sombra resiste,
salvo se, qual gota de chuva,
ele próprio se afunda
e borbulha num gemido,
sem féretro, sem túmulo,
perfeitamente esquecido.

III

Amor suspenso em frágeis trapézios.
E o sexo dela,
quando o vento da noite te atravessa,
como uma imensa flor de estufa cultivada
no cântico breve das roseiras.

Nua, sob a voz antiga do mar,
mistério de suas águas,
com as mãos em concha,
liberta a alma dos teus traços,
e cada pétala de rosa entregue ao vento

desenha o tumulto de danças fugitivas.

IV

Pelos olhos que a veem relevada,

áspero e salgado,

mas firme o suficiente para reter a carne,

mas frágil o bastante para expor o delírio.

Tu és sublime e sem final

Até a próxima leitura

Encerramos mais uma edição da *Revista Poetizar*, mas sabemos que a literatura não termina na última página. Que os poemas, contos e crônicas reunidos nesta edição encontrem espaço na memória de cada leitor e continuem reverberando mesmo depois que estas páginas forem fechadas.

Nosso agradecimento a cada autor que confiou suas palavras à *Poetizar*, aos leitores que fizeram delas companhia e a todos que, de diferentes formas, contribuíram para tornar esta edição possível.

Por aqui, encerramos estas páginas. Mas outras palavras ainda estão por vir.

Equipe Editorial da Revista Poetizar

UFES – Outubro, 2026

